



FANTASMIC

O CAVALHEIRO NEGRO DE OSIR

UMA OBRA DE:

R. Cross

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.



**BIBLIOTECA
DO EXILADO**

FANTASMIC
“O CAVALEIRO NEGRO DE OSIR.”

Uma obra de:

K. Cross

(escrito em novembro de 2009)

Tema: Ficção, Fantasia, Romance, Aventura, Drama, Comédia, Amor

Classificação: 17 anos.

PARTE I

“Criaturas do submundo, humanos... Uma terra sem lei ao menos para os sedentos por sangue e vingança. A esperança nas mãos de um reino.”

A neve caía sem parar no inverno rigoroso de Aesir. Uma terra longínqua dentre outros tantos reinos que a circundavam dotada de grandes riquezas e de uma gente carismática e pacífica, apesar disso, tal paz só era mantida graças ao Rei Tandhor e seu fiel exército de cavaleiros. Aesir era conhecido como o reino da luz, pois não importava a estação do ano o palácio e os muros da cidade todos erguidos em mármore alvo e cintilante enfeitados com estátuas notórias de anjos, guerreiros talhadas com arabescos delicados de longe eram percebidas pelas fronteiras na imensa planície de suas terras. Um dos poucos locais onde ainda os humanos habitavam e viviam sem muitos temores. Mas este local plácido era também o cenário de muitas barbáries e de várias histórias soterradas pelo tempo, porém histórias estas que aguardavam calmamente dentre os anos para ressurgirem e colocar em uma posição delicada toda a monarquia de Aesir.

O palácio real, dotado de imensas torres com tetos pontiagudos sendo a principal e mais baixa, um tanto mais larga, com um colossal ornamento de uma roseta logo acima do portão principal. Cercado pelas muralhas e torres, lá vivia o Rei Tandohr juntamente com sua filha a princesa Andora a qual toda a província depositava as esperanças de mantimento de um futuro pacífico e próspero tal qual o que seu pai lhes proporcionara. A Rainha Elbereth havia falecido há alguns anos quando Andora ainda era uma criança vítima de uma praga lançada por uma feiticeira temida dentre todos os reinos daqueles campos. Os sacerdotes, conselheiros e cavaleiros de Aesir temiam o pior, atentavam para que o Rei casasse imediatamente Andora com um humano antes que as “profecias” se realizassem.

Feiticeira Sombria, ela mesma, uma sereia em uma história tão velha quanto o tempo. Nascida das profundezas das águas de Osir, o reino amaldiçoado dos caídos. Segundo as palavras lançadas no livro do Metrathon, o livro tão temido por todos, ali dizia que o império das luzes

cairia por escuridão quando os caídos profanassem sua herdeira em terras sombrias. Um livro misterioso que continha segredos macabros e profecias que previam a queda do reino das luzes, a cada dia mais próximo de acontecer. Sobre ele, as forças de Aesir sabia apenas o necessário para tentar evitar o pior.

Muitos humanos eram tentados pela Feiticeira Sombria e suas criaturas do submundo para coagirem a realeza a entregarem o trono de Aesir para a Rainha de Osir em troca de imortalidade e títulos de nobreza. Muitas foram as tentativas de infiltração no reino da luz com o passar dos anos, mas todas sem sucesso sabotadas pelos cavaleiros da Alta Centúria do Rei. Neste notável batalhão de guerreiros selecionados pelo Rei estavam humanos e caídos arrependidos que almejavam livrar-se da escuridão eterna das terras de Osir todos liderados pelo irmão mais novo do rei, o General Agamenon tendo um de seus notórios grupos de Cavaleiros Centúrias comandados pelos Primeiros Cavaleiros, senhores guerreiros de alta estima e confiança, além de grande habilidade tática e de luta, exímios cavaleiros estrategistas e bem treinados, prontos para todas as circunstâncias a todo instante.

Na ânsia de tornar inválidas as profecias do livro de Metrathon, Tandohr organizou naquele inverno um torneio donde qualquer cavaleiro sendo oficial do reino ou cidadão dele poderia disputalo tendo como prêmio a mão da princesa Andora. A movimentação com os anúncios por todo o reino alastravam-se como fogo sobre a pólvora, os portões de Aesir eram então abertos a uma imensa multidão de centenas de cavaleiros anunciados por toques de trombetas um à um que adentravam pela cidade com suas montarias vistosas ostentando seus brasões e armas preparados para a batalha. Muitos ambiciosos que almejavam adentrarem na realeza pela riqueza e status social, outros idealistas que se julgavam aptos a sucederem o rei, claro que também aqueles que apenas estavam ali pelo calor e empolgação da batalha e pela mera diversão.

Andora observava aquela multidão de pretendentes pela janela de uma das torres do palácio com seus grandes olhos negros perdidos em infortúnio pela sorte de seu futuro onde estava sendo obrigada a casar-se com alguém que nunca conhecera, amara ou estimasse. Era este um pequeno sacrifício perante o de toda uma nação que a corajosa princesa aceitou sem delongas. Aqui até parece algo muito comum e corriqueiro em todos os reinos, o rei entregar a mão de sua filha pela salvação de um reino, como isso seria um sacrifício? Pois aguardem pela verdade que em breve lhes será revelada e

verão então que estes meros acontecimentos são apenas resquícios fúteis e o prelúdio de uma grande revelação que aos poucos os fatos ao desenrolar como o fio puxado de uma tapeçaria desmonta toda uma trama perfeita forjada até mesmo pelas mãos do mais habilidoso tecelão.

A jovem princesa, trajando seu longo vestido vermelho de seda ornamentado de bordados dourados e véus desce as escadas com sua coroa reluzente acompanhada das damas e de alguns dos Cavaleiros da Centúria até onde o trono de seu pai ficava, logo em frente a arena de batalhas do castelo. Toda Aesir estava em festa, muita música, dança, cavaleiros de um lado para o outro jogavam acenos em sinal de respeito e estima para a princesa que mesmo tristonha ironizava um sorriso à caminho de seu pai. Ao descer as escadas, Andora não pode deixar de reparar em um belo cavalo branco, um puro sangue de grande vigor e pelagem reluzente, cujo um escudeiro em farrapos penteava-lhe as crinas. Ela então pede um momento aos cavaleiros e as damas seguindo na direção do animal, ao chegar próximo a ele a moça alisa carinhosamente a testa do cavalo e pergunta com um tom dócil ao escudeiro:

_ Este é um belo animal! De quem é jovem escudeiro?

O rapaz, encapuzado evitava olhar a face da princesa, muito tímido e ajoelhando-se cabisbaixo aos seus pés receosamente responde:

_ É do General Agamenon minha senhora.

Andora não pode deixar de demonstrar sua repudia ao escutar o nome do astuto General que a cortejava há muito tempo, para ela, Agamenon não passava de um interesseiro no trono de seu pai e mesmo sendo seu tio desejava a desposar, o que para ela era algo nefasto e nojento.

Ao perceber a carranca da princesa, olhando com o canto dos olhos debaixo do capuz, o escudeiro maltrapilho fala:

_ Minha presença a desagrade senhora? Perdoe-me.

_ Não! Não é com você o problema caro escudeiro... – Disse ela percebendo tamanha falta de tato que tivera. – Levante-se e mostre seu rosto senhor. – Ordenou ela.

Prontamente o homem levanta-se e retira o capuz revelando seu rosto. Era um jovem aparentando vinte e poucos anos, longos cabelos castanhos, pele alva e olhos reluzentes de um tom acinzentado contrastantes e feições delicadas. Andora o observa assustada com tamanha beleza inesperada que

viera daquelas vestes em farrapos, mesmo sendo essa um tanto mórbida pela palidez.

_Qual seu nome e de onde vem meu caro servo? – Pergunta ela tentando disfarçar o espanto:

_Sou Kahlil minha senhora, Sou um dos Cavaleiros da Centúria de Vosso Senhor, não venho dessas terras, sou um caído, ou uma quimera como outros por essas terras me chamam.

Assustada, Andora não podia conceber que aquele rapaz tão jovem, cortez e de feições carismáticas era um caído, mais precisamente um demônio vindo das terras de Osir.

_Se és mesmo um cavaleiro, sendo um demônio ou não, vais disputar o torneio. Não vai? – Pergunta ela.

Kahlil dá um tímido sorriso e responde fazendo uma reverência:

_A princípio sou somente o escudeiro do Senhor Agamenon, mas se é da vontade de Vossa Alteza que participe... Creio que não poderei me opor.

Andora dá um sorriso confiante, ela tramava algo em sua mente, isso era visível no brilho sagaz de seus olhos. Aquilo acaba levantando certo receio no escudeiro. Ela suspira e responde:

_Sim, é de minha vontade, por favor, garanta-me que Agamenon não o vencerá!

Um sorriso amarelo surge nos lábios do escudeiro que encarando furtivamente Andora respondeu:

_Seu desejo é uma ordem minha senhora.

Andora sorriu e seguiu em direção ao platô do trono acomodando-se, enquanto isso, Kahlil deixa os estábulos passando a escuderia de Agamenon a outro cavaleiro próximo.

Algumas horas se passaram, o torneio iniciara:

_Senhoras e Senhores! – Dizia o anunciante, um baixinho invocado de cabelos ruivos espetados e voz estridente. – Que comecem as batalhas! Em prêmio e sinal de estima, o Rei Tandohr oferece a mão da princesa Andora em casamento ao vencedor do torneio, boa sorte a todos!

As trombetas tocam mais uma vez e iniciam-se as disputas de clava e espada com cavalos. Os cavaleiros foram sorteados e as duplas desafiantes combatiam na arena cada uma em um canto, sempre adentravam cerca de cinco duplas por rodada. Em uma delas, no canto direito da arena, vencendo seu desafiante estava Agamenon que era aclamado pela multidão sobre seu

cavalo branco, mais ao fundo sobre um cavalo negro de longas crinas e uma armadura escura como betume, um silencioso cavaleiro vencida seu oponente já no primeiro golpe, era tamanha a força e destreza deste participante o que acaba despertando a atenção de muitos espectadores e da realeza durante as batalhas.

Ao término de tantas rodadas sobram apenas dois desafiantes: o General Agamenon e o Cavaleiro Negro. As trombetas anunciam o combate final:

_Uma disputa de luta homem à homem com espadas! De um lado o General Agamenon e do outro o Cavaleiro Negro. Comecem! – Grita o servo anunciante.

Agamenon e o misterioso cavaleiro de armadura negra descem de suas montarias empunhando suas espadas, ao se encontrarem no centro da arena começam a singra-las pelo ar em golpes certos. Agamenon era muito forte e rápido, mas o Cavaleiro Negro também. O cansaço abate ambos depois de muito tempo, os espectadores estavam apreensivos, nunca uma luta durara tanto tempo naquela arena em todas as eras. Agamenon perde a agilidade com seu esgotamento sendo atingido com um golpe preciso no ombro direito com o dorso sem fio da espada do seu oponente o derrubando de forma vergonhosa e desengonçada ao chão tirando assim risos da platéia e fazendo seu elmo rolar pela poeira da arena. Rangendo os dentes de ódio Agamenon brada:

_Parvo! Como ousa humilhar o irmão do rei!

O Cavaleiro Negro responde:

_Não vejo aqui o irmão do Rei, meu senhor, mas sim um oponente como outro qualquer que este torneio dispunha, e dentro dele a realeza ou graus de patente e parentesco não tem serventia. – Disse ele apontando a ponta afiada da espada sobre a glote de Agamenon.

O anunciante brada alegre:

_Temos um vencedor! Temos um vencedor! O Cavaleiro de Armadura Negra! Temos um vencedor! Temos um vencedor!

Todos aplaudem empolgados o combatente, o cavaleiro vencedor recolhe a espada que ameaçava o pescoço do general e caminha silenciosamente até a presença do rei e da princesa ajoelhando-se.

O Rei estava feliz e empolgado, um astuto, piedoso e habilidoso cavaleiro, era tudo o que ele desejava para substituí-lo em seu reinado. O

monarca levanta-se e ordena ao vencedor com um tom de voz alegre e satisfeito:

_Bravo cavaleiro, por favor, aproxime-se e retire seu elmo para que eu, todo o reino e minha filha possam conhecer o novo Príncipe de Aesir.

Sem hesitar, o cavaleiro deixa a espada no chão com cautela e com ambas as mãos retira o elmo vagarosamente. Os cabelos longos e castanhos caem primeiro, logo após o semblante pálido e os olhos cintilantes do rapaz são revelados, para o espanto de todos, porém para a alegria da princesa, era aquele o escudeiro maltrapilho de outrora, mas para o temor de todos os Centúrias e do rei Thandor, era ele o Primeiro Cavaleiro da Centúria Norte, o demônio Kahlil, o Cavaleiro Negro de Osir.

_Kahlil... Um demônio... Não pode ser! – Murmura o Rei apavorado.

O murmúrio frenético tomou conta de toda a arquibancada e dos demais participantes. O rei e seus conselheiros foram afoitos para a realização do torneio e acabaram esquecendo-se de estabelecerem regras mais precisas e limitadoras de participação. Agora lhe davam com as consequências “remotas”.

Todos ficam espantados ao verem o Primeiro Cavaleiro da Centúria Norte do Rei prostrado diante dele humildemente sem o elmo.

Thandor, temendo pelas profecias do Metrathon murmura:

_Não pode ser! Não posso deixar minha filha casar-se com um demônio! Ainda mais ele sendo Kahlil!

O conselheiro chefe, homem velho e calvo com sua túnica comprida e esverdeada aproxima-se do Rei e balbucia em um de seus ouvidos:

_Meu Senhor! Se não cumprir com sua palavra o povo poderá se rebelar! Sugiro num primeiro momento oferecer a mão de Andora em casamento e posteriormente pensaremos em algo a ser feito para assim garantirmos a segurança de Aesir.

Cauteloso o Rei suspira e levantando-se de seu trono desce até a arena tocando com uma das mãos o alto da cabeça de Kahlil que ainda estava ajoelhado e cabisbaixo aguardando o pronunciamento real.

Levante-se Cavaleiro! – Ordenou o Rei com uma seriedade tamanha que chegava a ser intimidador seu tom de voz.

Kahlil levantou-se em silêncio. O Rei segurou a mão direita do cavaleiro a erguendo e conclamando alegremente ao povo de Aesir:

_Vejam e contemplem o Príncipe Kahlil de Aesir!

_ Viva nosso Príncipe! Viva o Príncipe Kahlil de Aesir! Viva! Viva!
Viva o Príncipe Piedoso! - A multidão em alvoroço brada loas.

Kahlil ficou observando com um semblante sério a reação da população, de canto de olhos ele fita Agamenon que estava com um ar furioso e bradava caminhando para o estábulo dando socos e chutes nas vigas de sustentação das coxilhas e no que for que permanecesse em seu caminho. O jovem sabia que todo aquele ódio ainda lhe renderia muito num futuro não muito distante.

O Rei solta a mão de Kahlil e dirigindo-se a ele fala:

_ Venha meu nobre Cavaleiro! É um orgulho saber que minha filha estará em segurança ao lado de um dos meus mais notáveis Cavaleiros Centúria.

O Rei apontou para o trono, onde ao lado estava Andora tentando controlar um riso frenético diante da situação e do desconforto de Agamenon. Ao perceber a alegria da jovem Kahlil arriscou um leve sorriso, pois também compartilhava do mesmo sentimento que ela ao ver o orgulhoso general esbravejando feito uma criança que fazia manha por perder uma disputa.

Tandohr, apreensivo ainda, conduz então o Centúria até Andora. Ao chegar perante a princesa, Kahlil se ajoelha novamente e fala:

_ Minha Senhora eu a saúdo neste momento, perdoe-me a poeira e o suor da batalha em meu semblante.

Andora abre um grande sorriso e diz tocando-o cuidadosamente no ombro esquerdo:

_ Não se lamente meu nobre cavaleiro. Fique à vontade! Pode chamar-me apenas de Andora daqui por diante, isso é uma ordem Centúria.

De cabeça baixa e ainda prostrado Kahlil fala em tom ameno:

_ Como desejar... Andora.

Os ouvidos de Andora foram inebriados pela voz grave e suave de Kahlil a pronunciar seu nome, ela então, para espanto de seu pai, ajoelha-se perante o Centúria que a fita com seus olhos acinzentados cintilantes completamente surpreso por aquele ato inesperado da jovem, ela então o reverencia humildemente:

_ Meu Senhor... Príncipe Piedoso. Qual é mesmo a sua graça?

Ainda a fitando atônito com seus olhos cintilantes e acinzentados ele responde encarando-a:

_Kahlil, Minha Senhora... Digo... Andora.

A princesa não pode deixar de rir do embaraço de Kahlil ao responde-la com espanto e também do inconveniente diplomático que acabara de ocasionar perante a toda a corte. Era já de se esperar, a princesa adorava contrariar ordens de seu pai ou convenções da realeza. O Rei, chocado, agarra-a pelo braço furioso a levantando abruptamente:

_Componha-se Andora! Ele é um Centúria!

_Mas é meu esposo! Meu Príncipe Piedoso, como a multidão o aclama! Não é? O prêmio do torneio é minha mão em casamento! Ou vai contradizer seus decretos agora Majestade?

O rei, bufando de ódio ralhou com a princesa ainda a agarrando com força pelo pulso:

_Não contradirei nada! Apenas estou pedindo que haja como uma dama descente e não como uma meretriz de vielas!

Andora sorriu e disse estendendo a mão ao Centúria Kahlil ainda ajoelhado:

_Está bem... Levante-se meu Príncipe! O povo quer saudá-lo!

Kahlil segura levemente a mão de Andora e levanta-se. A mão do rapaz era gélida o que espanta Andora, mas não tira dela a concentração que mantinha em fixar o olhar do rapaz. Kahlil fora se elevando e parando em pé diante dela, ele realmente era muito mais alto que a princesa e o Rei, A cabeça de Andora ficava como que na altura dos ombros de Kahlil ela inclina para cima o olhar e exclama surpresa e inconvenientemente como era de seu feitio:

_Você é maior do que pensava!

Kahlil comenta:

_Geralmente quando vivemos prostrados a frente da realeza não se tem uma noção real das pessoas, seja de sua estatura, atributos físicos ou de suas virtudes minha princesa.

As palavras imediatas porém de grande fundamento proferidas por Kahlil a deixam encabulada. Andora disfarça acenando ao povo e fingindo que não se interessou por elas.

_Acene a todos Kahlil! Agora você é o Príncipe Piedoso deles!

_Prefiro apenas observar, se não for rude de minha parte, deixarei os acenos para a princesa e para Vossa Majestade seu pai que estão

acostumados com este tipo de atitude de efeito placebo social, com licença pretendo retirar-me agora.

Kahlil a reverencia fechando os olhos e com um leve inclinar de corpo e cabeça, o Rei concede a permissão contra a vontade de Andora que fica perturbada e indignada com a astúcia do cavaleiro em sua resposta, mas permanecem na arena saudando todos e fitando desconfiada seu.

Após a dissipação da multidão, Andora e o Rei voltam ao castelo, a princesa sobe as escadarias da torre correndo até seu quarto contente e cantarolando o que acaba tirando risos de suas damas.

_O que foi? Nunca viram uma princesa alegre?

_Perdoe-nos Minha Senhora pelos risos, mas estamos felizes também pela Senhora. - Diz uma das damas abrindo a porta dos aposentos de Andora.

A princesa fica cantando e rodopiando pelo quarto enquanto fala as damas:

_Sabe... Para um demônio de Osir até que ele não é feio! Aliás... Ele é muito belo! Dá- me arrepios só de lembrar aquele olhar! Frio... Porém acalentador ao mesmo tempo.

_Dizem que o olhar de um demônio é realmente muito sedutor minha senhora. - Comenta uma das damas maliciosamente.

Andora olha para elas com um ar desaprovador:

_Não chamem meu Príncipe piedoso de Demônio! Suas insolentes pervertidas!

As damas riam junto da princesa quando esta é interrompida com a entrada em rompante de Agamenon acompanhado de mais dois Cavaleiros Centúrias.

_Agamenon? O que fazes nos meus aposentos? Fora daqui! Sou uma dama e compromissada no momento! – Ela o desdenha provocando-o e apontando com o dedo indicador para a porta feito uma garota mimada e mandona.

Com ódio no olhar, Agamenon ameaça:

_Se pensa que estás livre enganou-se! Abra seus olhos! Lembre-se do Livro de Metrathon! Ele é um demônio traiçoeiro! Vai corrompê-la e tomar o reino todo! Veja o erro que está cometendo Andora!

A princesa o encara de maneira furiosa e brada:

_Fora dos meus aposentos! Eu ordeno! - Ela aponta com ira novamente para a porta.

Agamenon retira-se a passos largos enquanto Andora aos poucos se acalma e volta a suspirar acomodando-se no para peito da janela:

_Onde estará agora Kahlil? Será que ele é mesmo um traidor? Intrigas do invejoso Agamenon, faz-me rir aquele parvo! Ele pensa que sou criança ainda e que não compreendo seu real interesse.

No estaleiro dos cavalos, Kahlil acertava algumas ferraduras com muita ira martelando o ferro quente e urrando:

_Aquela mimada! Insuportável! Maldita hora em que me solicitou nos estábulos! Agora estou encrocado até os ossos! Agamenon quer minha cabeça, o rei não gostou nada do que aconteceu no torneio e os demais Cavaleiros Centúrias estão me desdenhando por isso. Maldita mulher! Maldita mulher... De sorriso belo... Olhos negros... Maravilhosos... Lábios rosados e delicados... Ah! Mas o que eu estou dizendo agora? Aquela arrogante! Desaforada! Raios!

Kahlil martelava as ferraduras em brasa com fúria. O suor escorria sobre seu corpo ardente com o calor das labaredas do pequeno espaço improvisado de ferraria dentro do estaleiro, Seu rosto molhado e coberto por fuligem deixavam seu olhar mais cintilante em meio ao sombrio estaleiro com a dança das chamas ardentes que aqueciam o aço.

...

A noite caía, no palácio vultos subiam pelas escadas das torres correndo até o quarto do rei. Pela penumbra das luzes de velas vê-se a silhueta de três homens que impiedosamente cravam uma espada no coração de Tandohr que nem teve tempo para gritar ou agonizar em sua morte.

...

_Kahlil!- Chamou um Centúria no estaleiro. - O Rei solicita sua presença em seus aposentos.

Prontamente Kahlil levanta-se de seu leito rudimentar feito de madeira, feno e tecido amarrado por cordas. Ele acha muito estranho aquele chamado em meio a noite, deveria ser algo muito importante para que o rei

o fizesse. O rapaz caminha até os portões do estaleiro saindo e seguindo até o castelo. Ao chegar próximo ao quarto do Rei ele comenta:

_Cheiro... De sangue! - Kahlil corre apreensivo pelas escadas preocupado com o que possa ter ocorrido e abrindo a porta do quarto depara-se com o corpo do rei estirado sobre a cama e uma espada de Centúria cravada em seu peito. O Rei estava morto já há algum tempo, Kahlil segura a espada removendo o artefato do peito do homem, ao o fazer, ele escuta a voz de Agamenon que surge por detrás das cortinas dos aposentos:

_Prendam-no! Kahlil assassinou nosso rei!

Prontamente os Centúrias rendem de assalto Kahlil, ele por sua vez não oferece resistência e fecha os olhos em silêncio percebendo tamanha besteira que fizera caindo na cilada tramada por Agamenon.

_Já deveria ter suspeitado de você Agamenon. - Balbucia Kahlil inconformado consigo mesmo e com sua ingenuidade diante dos fatos.

Agamenon dá uma estrondosa risada junto dos Centúrias que o acompanhavam e fala muito audaz:

_Resolvi dois problemas com um único golpe! Livrei-me do rei, o que torna Andora a sucessora do trono, livrei-me de você tornando-o assassino do rei, ela certamente casar-se-á comigo depois de descobrir o quão vil fora seu príncipe e afoito para tomar o trono, assim ela verá o quanto seu tio quer o seu bem e a proteger, certamente ela aceitará meu pedido, do contrário, livre-me dela também com maior facilidade ainda, o que me torna assim diretamente o herdeiro do trono de Aesir.

Kahlil encarou Agamenon com muita fúria e rangendo os dentes brada:

_Isso não vai ficar assim Agamenon! Não permitirei!

Agamenon riu uma última vez e falou debochadamente:

_É a palavra do fiel tio contra o demônio traiçoeiro meu caro. Em quem acha que Andora e todo o povo vai acreditar?

_Patife! - Brada Kahlil – Todos vocês! Traidores! Mataram o vosso rei! Como puderam? Somos Centúrias! A guarda pessoal da realeza! Quebraram seu juramento! Eu os farei pagar aqui e agora!

Antes que pudesse arremessar com sua força os Centúrias que o seguravam, Kahlil recebe um golpe certo na nuca que o faz desmaiar.

_Levem-no ao calabouço e o executem ao amanhecer! - Ordenou Agamenon.

...

Não demorou muito a notícia da morte do Rei se alastrou e Agamenon foi pessoalmente até o quarto de Andora dar-lhe a notícia. Em extremo estado de choque e consumida pela tristeza a princesa chorava sem parar e ordena tomada de ódio e amargura:

_Executem aquele demônio traidor! - Diz ela com ira nos olhos embebidos em lágrimas enquanto soluçava amparada por suas damas de companhia.

Agamenon era dissimulado e astuto, enganou a princesa e todo o povo com seu comportamento condolente. Ele sentia-se vitorioso e poderoso, agora ninguém poderia o deter.

O plano de Agamenon estava consolidado, agora bastava a ele somente garantir a coroa aproveitando-se da debilidade sentimental da princesa Andora naquele momento de dor.

Os Centúrias arrastam Kahlil ainda inconsciente até o calabouço, local escuro, frio e úmido nos porões do castelo de Aesir. Ao chegarem até a cela, os antes subordinados de Kahlil o tratavam como o mais repugnante e desprezível ser, o atiraram dentro do antro de clausura o ofendendo e cuspiendo em sinal de repudia, Agamenon e seus homens conseguiram convencer até mesmo os mais fiéis subordinados de Kahlil daquela mentira:

_Em pensar que até hoje pela manhã eu recebia ordens deste traidor, demônios... Não são seres dignos de confiança, pobre Rei Tandohr. - Lamentou um dos Centúrias trancafiando a porta.

Kahlil, absorto na escuridão da cela ainda inconsciente com o golpe entra em uma espécie de transe. O portão do mau presságio, além das fronteiras do subconsciente conhecido pelos humanos, este certamente não era desconhecido para Kahlil. Lá em seus sonhos ele visita o passado, o presente e o futuro e toma conhecimento de todas as possibilidades que suas escolhas podem o levar, orientado pelos espíritos sombrios de seus ancestrais sua alma deixa seu corpo por alguns instantes e flutua sobre os domínios de Aesir.

Uma voz sussurra em seu ouvido enquanto avista no meio da floresta, próximo aos muros da cidade, tudo o que se passava em uma forma de epifania. Uma garota na chuva jurando pelo nome do seu pai, aquela era a mais bela mulher que ele já havia visto, a última visão para a morte horrível que o aguardava, e estava guardada a ele juntamente vinda pelo beijo, era

ela Andora. Ele admirava a moça de longos cabelos negros molhados em meio à floresta. Era noite do equinócio, era fim do inverno e com ele era o fim de tudo aquilo em que acreditava. Kahlil se aproxima, mas ela não o pode ver, escutar ou sentir. Era apenas sua alma e nada mais quem a contemplava naquele lugar.

_Vingarei sua morte pai, mas como eu desejava que tudo isso fosse uma mentira, que Kahlil não tivesse feito tal barbárie. Como gostaria de acreditar neste desejo, como gostaria que isso fosse realidade. Mas quem eu sou e de onde venho não me deixam acreditar em outra possibilidade a não ser a da cruel verdade dos fatos.

Suas lágrimas confundiam-se com a chuva, Andora cai de joelhos consumida em pranto, Kahlil aproxima-se e tenta tocar seu rosto comovido dizendo:

_Não importa quem você é ou de onde veio... Acredite no seu desejo, ele é real. – Disse o jovem de cabelos comprido castanho escuro e olhar reluzente em meio à noite como num sussurro fúnebre, porém sem ouvinte algum.

Andora não escuta Kahlil ou vê, mas sente uma leve brisa varrer sua face. Aquilo a inquieta por alguns instantes, ela se vira e observa ao seu redor percebendo que nada e ninguém estavam por perto, fora apenas umas más impressões.

Enquanto isso, no calabouço, Kahlil despertou ofegante e atordoado de seu estado catatônico:

_Tenho que fazer algo, Agamenon pode fazer mal a Andora. Preciso encontrar uma maneira de sair daqui! Vou provar a todos a verdade.

Com certa dificuldade Kahlil levanta-se, ele para diante da porta reforçada de cedro e aço e concentra-se. Seus olhos tomam um brilho gradativamente maior, ele se prepara e dá um chute girando seu tronco e acertando em cheio seu pé esquerdo na porta com toda a sua força, tamanho era o poder de Kahlil que arrebenta a dita cuja com muita violência. O estrondo chama a atenção dos Centúrias. Com muita tranquilidade, Kahlil recolhe sua espada que estava sobre um balcão no canto direito da parede no corredor logo a sua frente e segue caminhando por ele.

Os Centúrias, dezenas deles, lotam os corredores impedindo as duas saídas do calabouço:

_Daqui você não passa Kahlil! - Brada um deles.

Kahlil dá um sorriso torpe, com muita astúcia ele pede:

_Em nome da amizade que um dia tivemos, saiam da minha frente ou todos estarão mortos! Vocês sabem muito bem da minha força e do que sou capaz, apenas lamento me subestimarem tanto a ponto de me prenderem nesta masmorra pífia e frágil. Certamente essas portas e paredes não me impedirão se eu quiser sair daqui e todos sabem disso!

Os Centúrias se negam e partem ao ataque. Um por um, Kahlil derruba e açoita com a lâmina de sua espada vorazmente. Os poucos que ainda sobraram correm amedrontados para pedirem reforços:

_Vamos pedir ajuda! Não conseguiremos conte-lo, O Líder dos Centúrias do Norte sozinho foi capaz de acabar com o exército de Asteris imaginem o que faria com um pequeno contingente nosso! - Clama um dos cavaleiros correndo em busca de Agamenon.

Kahlil consegue sair ileso dos porões arrebatando portas e dizimando as salvas de soldados. Ele caminha para fora dos portões de Aesir agora com maior velocidade. A chuva caía torrencialmente fazendo muita lama e embebendo sua face e cabelos de águas gélidas e límpidas, aquelas gotas pareciam lavar a alma de Kahlil e o preparar para o futuro árduo que o esperava assim como o seu calvário:

_Preciso agora ser rápido, se Agamenon der falta de Andora perderei a chance de regatá-la em meio à floresta. Mas antes, necessito ir até a Torre Norte.

Kahlil corre até a Torre Norte do castelo e estraçalhando mais algumas portas bem como derrubando mais Centúrias consegue chegar até a sala da biblioteca. Diversas estantes com livros seculares estavam trancafiadas naquele recinto há séculos. Kahlil parecia saber para onde ir exatamente, afinal, ele era o guardião daquela sala há mais de cem anos. Chegando a frente de um balcão reservado aos fundos da biblioteca onde um livro velho, grosso e de capa negra com as folhas amareladas do tempo estava depositado sobre ele.

O rapaz pega o livro e sai rapidamente da biblioteca. Kahlil corre sem parar até a floresta desesperadamente. Chegando lá ele depara-se com Andora ainda de joelhos, com as vestes e o corpo completamente molhados. Ao perceber que alguém estava ali ao seu lado, ela ergue o olhar assustada, mais apavorada ainda fica ao perceber ser Kahlil quem a espreitava.

O Cavaleiro a fita parado em silêncio, as gotas da chuva escorriam pelo seu rosto e armadura, até mesmo pela lâmina de sua espada na mão direita lavando todo o sangue ali depositado de seus companheiros e na outra mão o temido livro de Metrathon que até mesmo os conselheiros achavam estar em mãos de Osir, mas que fora há muito tempo entregue para Thandor proteger da feiticeira.

Ao dar-se conta, Andora fica apavorada e tenta correr, mas Kahlil solta a espada e em um rápido movimento lançasse sobre ela a agarrando firmemente com um de seus braços dizendo:

_Eu sei que a minha maior dor ainda está para vir. - Disse Kahlil com um grande pesar.

Andora não compreende e permanece em silêncio debatendo-se tentando fugir inutilmente dos braços de Kahlil:

_Tudo dentro de mim já se foi, exceto a dor e a esperança. - Disse ele com os olhos perdidos no horizonte.

_O mau cheiro de suas mentiras deixam um rastro de moscas! - Brada Andora para Kahlil de forma enfurecida.

Kahlil percebe que não adianta argumentar naquele instante com Andora, os Centúrias logo chegariam até eles, apenas bastava fugir e levar Andora consigo.

_Perdoe-me pelo que farei agora, mas é para seu próprio bem. - Disse o demônio agarrando os cabelos de Andora a obrigando assim a não relutar.

O olhar antes acinzentado de Kahlil agora toma um aspecto avermelhado, suas presas ficaram protuberantes e este as crava com força no pescoço da jovem. Andora mal consegue gemer, seu corpo é paralisado imediatamente com o efeito do veneno contido na saliva de Kahlil. Ele apenas feriu sua pele e lambe de leve os orifícios feitos com seus dentes, isso fora já o bastante.

Ao ter certeza de que Andora estava sob efeito de seu veneno, Kahlil recolhe a espada do chão colocando-a em sua bainha e carrega Andora em seus braços empreendendo uma fuga rápida em meio à floresta na noite escura e chuvosa.

Os Centúrias ascendiam tochas inutilmente para caçarem Kahlil que já suspeitavam estar com a princesa que não encontravam em canto algum. A chuva fora bondosa e atrasou os cavaleiros dando uma boa vantagem para que Kahlil levasse Andora longe para fora dos domínios de Aesir.

PARTE II

Após várias horas de fuga desenfreada, Andora ainda estava adormecida e inebriada com o veneno de Kahlil que continuava a caminhar com a jovem em seus braços. Os olhos do cavaleiro eram como que dois lumes dentre a escuridão completa da floresta. Ele estava já cansado e também necessitava repousar. Não muito distante dali, Kahlil sabia que poderia abrigar-se em uma pequena gruta recém descoberta por ele em um de seus exercícios de reconhecimento à alguns dias.

Era próximo a um penhasco, um local bem apropriado onde nunca os Centúrias imaginariam buscar por ambos pois sempre julgavam caçar os demônios dentro da floresta, local preferido das bestas para abrigarem-se, e não fora dela ou em estruturas rochosas. Com certa dificuldade ele sobe o penhasco carregando Andora em seus ombros e dentro de uma pequena gruta formada por uma fenda rochosa ele adentra com a princesa depositando-lhe sobre o chão.

_Não pode ser! Aquele animal fugiu levando Andora consigo! - Esbraveja Agamenon dando murros na mesa do salão comunal do castelo. - Vão até os infernos se preciso for! Mas tragam Andora de volta e matem de uma vez aquele demônio maldito! Mandem todo nosso contingente para a floresta! Agora! Vamos rastrear aquela quimera.

Amanhece e a chuva vai embora. Kahlil decide ficar mais algumas horas escondido e empreender em nova fuga somente no anoitecer por ser mais fácil desviar-se dos Centúrias neste período do que sob a luz do dia. Andora ardia em febre ainda sobre o efeito do veneno inoculado pelo demônio. Ele aproxima-se e toca a face ardente da jovem dizendo:

_Acho que exagerei um tanto na quantidade de veneno, imaginei que a princesa fosse um pouco mais forte, tenho que fazer algo a respeito, só desejava paralisá-la e não encomendar sua alma aos céus!

Preocupado com o estado febril e delirante da jovem, Kahlil toma novamente Andora em seus braços sentando-se junto dela, ele leva seus lábios até os dois ferimentos feitos por suas presas na noite anterior e começa a sugar o excesso de veneno bebendo um pouco do sangue da princesa.

A moça começa a gemer com aquele ato doloroso e leva devagar uma das mãos até a face de Kahlil tentando inutilmente afastar os lábios dele de seu pescoço. Kahlil segura a mão de Andora e continua sugando seu sangue por mais algum tempo mesmo com ela relutando, ele acaba deixando o pescoço de Andora e a fita com um olhar piedoso e com seus lábios ensanguentados.

_Está tudo bem, removi o excesso de veneno. Agora sentirá apenas uma sensação de maresia que passará dentro de algumas horas. – murmurou ele calmamente com a princesa aconchegada em seus braços.

Andora abre seus olhos negros confusa olhando para todos os cantos tentando reconhecer o local. Ela não tinha forças suficientes ainda para mante-los abertos, mas era uma mulher teimosa, esforçava-se ao máximo para levantar-se e deixar os braços de Kahlil sem sucesso até que ele fala:

_Deixe de ser arrogante! Fique parada ou não vai passar o efeito nunca!

Kahlil observava o horizonte perdido em seus pensamentos pela entrada da fenda sentado ao chão recostado a parede da caverna com Andora tomada em seus braços, a cabeça da jovem descansada sobre seu peito agora sem a armadura escura e gélida para dar a ela um maior conforto e amenizar os calafrios que sentia até que o efeito do veneno passasse.

Andora resmungava coisas sem nexos ainda delirando, Kahlil despendia sua atenção entre a jovem e a guarda dos limites das fronteiras de Aesir no horizonte esperando ver algum sinal de Centúrias a sua caça.

O cavaleiro não havia descansado durante toda a noite e era arriscado adormecer durante o dia ali deixando Andora ainda sob a mercê torpe e febril dos efeitos do veneno. Kahlil a sustentava em seus braços afavelmente com cuidado para que seu corpo ardente não tocasse o chão gélido de rochas pela fenda.

_Desenterre meus sonhos e enterre as minhas tristezas, Andora... Por favor... - Balbuciou Kahlil tocando a face de Andora. - Depois da paisagem de morte que eu atravessei nesses anos, sob meus sonhos e desejos eu almejo sua compaixão. Devo confessar, eu invejo os pecadores.

O jovem Centúria conclui sua fala inclinando a cabeça para trás e fechando os olhos, tímidas lágrimas escapam e rolam por sua face pálida, ele suspira e retorna a observar a princesa com um triste semblante, a face

daquele que sofre porém não pode ser compreendido. As falas, um tanto enigmáticas de Kahlil eram comuns, pois o seu modo de ver o mundo era diferente dos homens. Os demônios referiam-se aos humanos como pecadores, era contra as leis sagradas dos três mundos a união entre humanos, celestiais e demônios. Sendo assim, como preço para tal desavença, no caso de um demônio como Kahlil, era a morte pelo próprio veneno. Uma maldição lançada há milênios por toda uma raça. Mesmo não querendo ele não poderia salvar Andora dos braços de Agamenon, não sem o seu sacrifício.

Kahlil por seu talento a clarividência já sabia o que o futuro lhe reservara, mas lutava para ao menos adiar o infortúnio até que Aesir estivesse novamente segura e sobre o comando de Andora, mas para isso ele necessitaria agora escondê-la e livrá-la de toda uma legião de humanos comandada por Agamenon que almejava sacrificá-la e de todo o exército de demônios de Osir que pretendiam profaná-la e assim reclamarem o trono além de posteriormente sacrificá-la como oferenda ao seus deuses sombrios.

O cavaleiro estremecia de fraqueza, necessitava descansar, porém se mantém vigilante a todo custo. As horas foram passando, já era meio da tarde, eles ainda se escondiam na gruta rochosa. Kahlil não suporta o cansaço e acaba sucumbindo à fadiga adormecendo. Andora já se sentia um pouco melhor, estava consciente e conseguia se movimentar mesmo que com muitas dores musculares por conta do veneno que ainda corria em suas veias. Trêmula ela livra-se dos braços de Kahlil cuidadosamente e levanta-se devagar. A princesa caminha cautelosa até onde a armadura de Kahlil estava e retira de uma pequena bainha um punhal de prata.

Ela suspirava com o punhal de prata firmemente agarrado por suas mãos, observava Kahlil enquanto dormia e dava passos sutis até ele preparando-se para cravar sem nenhuma piedade a lâmina no peito do jovem que para ela não passava de um monstro abominável.

Ela se abaixa com cautela erguendo o punhal mirando o coração de Kahlil, quando vai desferir o golpe leva um susto ao ver os olhos do demônio se abrirem e a fitá-la:

— Se deseja minha morte não conseguirá com um simples punhal, sou um demônio, armas brancas de prata apenas me podem ferir superficialmente, mas não tirarem minha vida.

Rapidamente Kahlil a arrebatou em seus braços e tira o punhal das mãos de Andora derrubando-o ao chão. O movimento brusco arranca de Andora um gemido de espanto.

— Para matar-me princesa basta apenas beijar meus lábios, será já o suficiente, mas para alguém que me odeia tanto a ponto de assassinar-me enquanto durmo creio que isso seria muito repugnante. — Disse ele bravo agarrando o queixo de Andora com uma das mãos a trazendo bem próxima de sua face e a encarando com um ar de repreensão.

A princesa suspirava e de tamanho ódio não consegue conter suas lágrimas de ira que escorrem pela face. Kahlil observa tudo em silêncio, porém com o coração partido, mas não poderia fazer nada a respeito, o sentimento da vingança sedenta a cegara e somente o tempo, talvez, pudesse abrandar sua alma.

Kahlil solta a face de Andora que salta esvencilhando-se de seus braços e se refugia amedrontada contra a parede oposta da caverna fitando-o assustada e raivosa. Ele suspira e estende o braço lançando mão do livro de antigo que roubara da biblioteca real e que estava depositado ao seu lado. Ele o abre em silêncio e começa a ler. Andora fica o observando quieta.

Em Osir, um demônio mensageiro corre pelos portões sombrios do castelo, ele vai até a sala do rei e diz para a Feiticeira Sombria e seu General:

— Um filhote usurpador do rei Thandor o traiu. — Disse o mensageiro ajoelhado perante o General.

Um sorriso sarcástico toma conta dos lábios da mulher de longos cabelos grisalhos, mas de uma beleza jovial e incomparável, seus olhos acinzentados cintilavam lembrando o brilho dos que pertenciam a Kahlil. Ela então diz:

— Kahlil... Ainda pretende tentar mudar seu futuro sombrio indo contra a sua própria mãe? Pobre Príncipe de Osir... Meu pequeno desertor... Lamento muito minha criança, mas terei de sacrificá-lo também para um bem maior assim como o fiz com seu Pai... Metrathon sempre fora teimoso, sem ambição... Um forte demônio, fora difícil levá-lo até a armadilha, mas sua mãe conseguiu. Lamento agora ter de sacrificar a quem amamentei e embalei em meus braços, porém não tenho outra escolha. General... Ordene

aos demônios que tragam a cabeça de Kahlil para mim, não podemos deixar que ele e Andora atrapalhem nossos planos.

O General, um demônio carrancudo e assustador, contente pela empreita, reverencia sua rainha, a feiticeira, partindo para reunir seu contingente e preparar a emboscada.

Mais algumas horas se passaram, estava quase anoitecendo e Kahlil permanecera na mesma posição lendo o tal livro em silêncio. Cansada e muito irritada Andora o provoca:

_ O que é isso que tanto lê?

Kahlil levanta o olhar e responde sereno:

_ O livro de Metrathon.

_ O quê? – Retrucou ela assustada. – Você está lendo o livro do demônio Metrathon, o Rei de Osir?

_ Sim. – Responde ele sério. – Precisamos encontrar uma forma de afastar Agamenon do trono de Aesir bem como a atual Rainha de Osir, mas pelo que estou lendo o único jeito, bem...

_ Bem... Continue! – Insiste ela.

_ Não é nada agradável princesa. – completou Kahlil desviando os olhos do livro de forma envergonhada e incompreensiva.

Ambos ficam encarando-se em silêncio até que Andora faz a temida pergunta por parte de Kahlil.

_ E que maneira é essa? Se for para livrar Aesir das mãos de Agamenon é meu dever saber!

_ Agora precisa da minha ajuda? – Provocou Kahlil ainda com o livro aberto em suas mãos.

Com ar de desdém ela complementa:

_ Adiarei a vingança da morte de meu pai até que o trono de Aesir fique livre de Agamenon, já imaginava as intenções dele quando veio com o estranho sorriso em meu quarto anunciar a morte do Rei. Posso parecer ingênua, mas não sou!

Kahlil suspira e complementa:

_ Se é assim... Como Centúria fiel do rei eu a protegerei como estou o fazendo, mas só para constar... Não matei seu pai.

Andora brada enfurecida:

_ Você foi pego nos aposentos do rei com a espada ensanguentada em suas mãos!

_E por acaso dará crédito as palavras de Agamenon? – Interrompe ele.
– Bom... Com o tempo espero poder lhe provar que estou certo, até lá vamos nos preocupar em mantermo-nos vivos e recuperar Aesir.

Andora se cala e cruza os braços. Ela então morde os lábios e pergunta:

_O que diz tal livro ser possível de ser realizado para recuperarmos o trono de Aesir?

Kahlil levanta uma das sobrancelhas e pigarreja com a mão na boca falando contidamente e envergonhado:

_A princesa de Aesir precisa gerar um herdeiro, este deve ser filho do também herdeiro do trono de Osir.

Andora fica boquiaberta e brada inconformada:

_Mas que diabos Metrathon e os anciões dos reinos estavam pensando quando escreveram tais profecias? Terei de me luxuriar com um demônio? Ainda por cima herdeiro de Osir! Deus! Que tipo de criatura maligna e desfigurada deve ser essa a qual terei de... Terei de... Oh! Céus! – Diz ela inconformada.

Kahlil não pode conter o riso.

_Do que está rindo demônio repugnante?

_Nada... Ainda não terminei de ler as páginas. – Disse Kahlil ainda tentando conter o riso descontrolado encarando Andora enquanto ela lamentava resmungando e choramingando.

_Então termine logo Centúria! O que está esperando? – Retrucou ela.

Kahlil, já recomposto retorna a leitura do livro escrito em um antigo dialeto de Osir:

_Aqui diz que o herdeiro dos dois tronos, o híbrido, deverá ser gerado na noite da lua crescente nos domínios de Osir... Isso será um problema! Adentrar Osir é quase impossível!

_Você acha um problema adentrar os domínios de Osir? Eu sim é que tenho um grande problema! Terei de me deitar com uma Besta! Oh céus! Que tipo de criatura será o Príncipe de Osir?

Kahlil começa a rir novamente e fala com um ar de criança que deseja pregar uma peça em seu coleguinha:

_Vi a face dele apenas uma vez, é a criatura mais abominável e nojenta de todos os sete infernos! É sim! – Disse ele aos risos provocando a princesa e divertindo-se com o desespero da jovem.

_ Oh céus! Oh céus! O que eu farei?

_ Quer mesmo saber? Achei que as damas a haviam instruído de como surgem as crianças minha senhora! Mas eu posso lhe explicar! Um homem e uma mulher... No seu caso, um demônio e uma mulher precisam primeiro...

_ Cale-se seu pervertido! Não precisa brincar com isso! – Diz ela ruborizada.

Kahlil dá muitas gargalhadas quase aos saltos já com uma das mãos no abdome dolorido das risadas lançadas.

_ Sabia que é feio rir da desgraça alheia? Os sábios dizem que dá mil anos de azar! – Ralha ela.

_ Aha, ha! Lamento! Aha, ha, ha! – Dizia ele tentando se conter. – Bem... Continuando! A criança deverá ser concebida na lua crescente. Quando será a próxima lua crescente? – indaga Kahlil a princesa.

_ Na próxima semana... Oh! Não! – responde ela decepcionada.

_ O que foi? – Perguntou Kahlil.

Envergonhada ela responde:

_ Estarei indisposta.

Kahlil faz uma cara de que não entendeu nada, ela então suspira e fala gesticulando com os braços:

_ Seres Masculinos... Criaturas lerdas! Minhas regras! Entendeu?

Kahlil fica pensativo:

_ Regras?

Andora fecha os olhos e decepcionada fazendo um sinal negativo com a cabeça dá um tapa com uma das mãos na própria testa.

_ Quando as regras de uma mulher iniciam não se pode engravidar ou praticar atos de fornicação, entendeu agora?

Kahlil levanta ambas as sobrancelhas e exclama:

_ Mas é perfeito! Veja bem! Um demônio é diferente de um humano, e só pode ser concebido quando aquilo que as senhoras chamam de “regras” inicia-se, afinal, somos todas criaturas que vivem do sangue alheio.

_ Mas que nojento! – Exclama a princesa fazendo uma careta terrível e com enjoo só de pensar.

_ Deixemos os comentário para depois, precisamos iniciar nossa caminhada, Osir fica distante, até chegarmos lá para que o Príncipe possa...

Você sabe! Levaremos os dias necessários até a lua crescente.

Kahlil levanta-se e fecha o livro.

_Oh, infortúnio! – lamentava a princesa desolada com o destino.

Já alguns dias haviam passado desde a fuga do castelo de Aesir. Kahlil conduzia Andora em segurança até as terras de Osir. Estavam cada vez mais próximos das fronteiras.

_Temos de ser mais cautelosos agora, a partir daqui os olhos de Osir estarão voltados a nós. – Disse Kahlil.

Estavam eles em meio a floresta, era tarde ensolarada de primavera, algumas flores brotavam do chão e dos galhos das árvores, uma chuva de pétalas róseas caía com o balançar das copas em meio ao vento. Andora observava as flores com um ar tristonho, a cada passo dado estava mais próxima a Osir e a besta tão temida por ela.

Kahlil percebe o desconforto da princesa desde muito tempo, mas tentava ignorar, porém a tristeza de Andora e o receio aumentavam a cada passo. O cavaleiro para e voltando-se para ela diz docemente:

_Não tenha medo minha senhora, estou aqui para protegê-la.

O olhar de Kahlil era afável, mas nem suas doces palavras conseguiram acalmar o coração da moça que diz:

_Nem de tudo podes me proteger Centúria. Não podes mudar meu cruel destino.

Andora fala amargurada e de seus olhos lágrimas brotam e rolam sobre a face ardente e clara.

Kahlil fica com um grande pesar no coração e aproximando-se de Andora diz:

_Não chore Princesa! – Disse Kahlil levando uma das mãos até a face da jovem no intuito de secar-lhe as lágrimas.

Andora prontamente o impede de fazê-lo segurando a mão gélida e pálida de Kahlil dizendo:

_Deixe que eu chore a minha cruel sorte e suspire pela liberdade de minha alma. Certamente a dor que infringirá sobre meu coração fará com que eu implore por piedade, mas o meu martírio é inevitável, devo entregar-me a besta que usa a coroa de Osir para salvar Aesir.

Kahlil suspira e morde os seus lábios, ele almeja por um instante contar a Andora sobre outros detalhes não informados, mas temendo a ira da jovem ele se contém em silêncio.

Já desesperada, Andora chorava, aquilo cortava o coração de qualquer um, o cavaleiro condolente olha e fala:

_ Existe algo que eu possa fazer para confortá-la minha senhora?

_ Por favor Centúria... – Andora levanta o semblante tristonho e embebido em lágrimas estraçalhando assim de piedade o coração de Kahlil. – Poderia ao menos oferecer-me seu ombro para que eu chore.

Sem delongas, Kahlil se deixa abraçar por Andora que aos soluços em um pranto desenfreado recostava-se ao seu peito. Com cautela, Kahlil abraça a princesa e suspira pensativo falando mentalmente consigo mesmo.

_ ”O constante desejo veemente por seu toque e o amargo oceano de ódio e dor em seu coração... Essa solidão é o que eu preciso para ser quem sou... Um demônio destruidor de sonhos, vidas e esperanças... Maldito seja o dia em que nasci... Basta mergulhar em meus olhos e ver o monstro real que sou”.

Kahlil começa a abraçar Andora com mais força e ela faz o mesmo para com ele, mesmo sem entender o motivo. A garota imagina que ele apenas estava lhe sendo solidário com a sua dor e infortúnio.

O abraço é encerrado por Kahlil quando percebe uma movimentação estranha ao redor. Com cautela ele sussurra:

_ Faça silêncio princesa... Estamos cercados!

Andora fica preocupada e pergunta baixinho:

_ Cercados?

Kahlil balbucia imóvel:

_ Demônios... Fique quieta e não se afaste de mim. – Kahlil a mantém próxima de si com apenas um dos braços firmemente em torno da princesa e com a outra mão, devagar, vai deslizando pelas costas e cintura de Andora até alcançar o cabo da espada de sua bainha. – Quando eu der o sinal, segure-se firme, vamos ter que fugir, são muito deles, não poderei dar cabo de todos.

Andora olha nos olhos de Kahlil assustada, ele tenciona a mandíbula e arrastando um dos pés fala:

_ Agora!

Andora agarra-se firmemente no pescoço de Kahlil que a sustentando por um dos braços empreende em uma corrida veloz dentre a floresta como a mais ágil das bestas. E na outra mão empunha sua espada.

No meio do caminho ele fora interceptado pelas salvas de demônios ogros inferiores a sua linhagem, porém não menos astutos. Sacando de sua espada o Centúria mutila cinco demônios com golpes rápidos sempre tentando manter Andora longe do alcance das criaturas.

Kahlil continua correndo com Andora nos braços e sendo atacado por ogros que saltavam das árvores cada vez em um número maior:

_ Estamos quase lá! Segure-se bem firme agora! – Brada Kahlil.

_ O que vai fazer? – Pergunta desesperada Andora.

Uma clareira abria-se ao horizonte, após o grande penhasco onde o rio sombrio corria na outra margem iniciava-se a Floresta das Agonias, o princípio dos domínios de Osir.

O Centúria para ao chegar na beira do penhasco e fala:

_ Pegue minha mão! Não hesite! Vamos! – Fala Kahlil para Andora. – Confie em mim ao menos desta vez!

Os olhos cintilantes de Kahlil paralisaram o corpo de Andora que sem escapatória estende o braço agarrando a mão gélida e pálida do rapaz.

Kahlil para o espanto de Andora salta o penhasco a levando consigo. A garota entra em pânico e grita caindo agarrada a ele no vazio. Kahlil permanecia em silêncio com o olhar compenetrado. Ambos caem dentro do rio sombrio e são levados pelas águas.

Kahlil não solta Andora por nada e após elevar a jovem das águas nada a carregando até as margens ao lado dos domínios de Osir dizendo:

_ Está bem? Está ferida? – Pergunta ele ensopado retirando Andora do rio.

Ela tossia muito e fala:

_ Estou bem, o que foi aquilo?

_ Eram os ogros vigias das fronteiras de Osir. Agora estamos relativamente seguros ao menos deles, mas a mercê de outras criaturas mais terríveis ainda nós precisamos sair logo daqui.

Kahlil estende a mão ajudando Andora toda encharcada a levantar-se, a medida em que caminhavam Floresta da Agonia a dentro, a escuridão tomava conta até que anoitece de vez, os olhos de Kahlil eram como lumes no escuro, ele a fita e alerta:

_ O dia não tem poder aqui, fique próxima a mim sempre. - Disse Kahlil abraçando Andora.

Ela então o abraça e diz:

_ Sim... Onde estamos exatamente?

Kahlil suspira e responde:

_ Estamos nos domínios de Osir, esta é a Floresta da Agonia, temos que ter cautela, você é um alvo apetitoso por aqui aos demônios sedentos pelo seu sangue. Temos que nos apressar, a lua logo surgirá no céu.

Kahlil sente o corpo de Andora arrepiar-se e a abraça-lo com maior força ainda. Ele então complementa:

_ Não tenha medo. Vamos encontrar um local seguro para descansar, e nos esconder das quimeras.

Andora e Kahlil caminharam por mais algum tempo até que encontraram abrigo abaixo de uma pedra protuberante próximo a uma cachoeira. Ambos adentraram o local escuro com cuidado.

_ Tenha cautela! Fique perto de mim, eu enxergo bem no escuro. – Disse ele a abraçando com mais proximidade.

Kahlil verifica rapidamente o local e constata ser seguro:

_ Aqui é seguro, vamos nos abrigar.

_ Espero que o livro de Metrathon não tenha se desfeito com a água. – Argumenta Andora.

_ Não ele está bem, suas folhas são feitas de um pergaminho mágico de Osir e a tinta é feita com sangue de dragão, não apaga nunca e nem derrete. – Responde ele.

Andora, preocupada diz:

_ E agora? Como vamos ler? Não temos luz e estamos encharcados!

Kahlil faz um movimento rápido sentido por Andora:

_ O que você apanhou ai ao lado nas folhas? – Perguntou ela.

_ Salamandra de fogo. Respondeu Kahlil soltando de Andora e recolhendo gravetos mais ao fundo da estrutura que estavam secos, o rapaz comprime a salamandra até que cuspiisse um pouco de fogo ascendendo assim a pequena fogueira improvisada.

As chamas dançavam e Andora agora podia vislumbrar o semblante de Kahlil que prontamente senta-se e abre o livro concluindo sua leitura. Ambos estavam sentados em volta do fogo para aquecer-se e se secarem.

_ Bom... Agora só falta encontrarmos a besta. – Disse Andora sôfrega.

Kahlil fecha abruptamente o livro e encarando-a seriamente diz:

_Não precisamos, ele está aqui por perto. O príncipe já havia sido avisado de nossa chegada.

Andora se levanta e corre para perto de Kahlil amedrontada pulando em seus braços e perguntando:

_Mas como? Onde? Onde está? Não o vejo! Kahlil estou com muito medo. – A princesa começa a tremer e a chorar, Kahlil não suportava ver uma dama amedrontada, então ele diz:

_A floresta tem olhos e ouvidos, era somente uma questão de minutos, ele sabe e vê tudo. Se me permitir pode ao menos tentar aliviar seu sofrimento e deixa-la inconsciente com meu veneno. Ao menos assim não vai se assustar quando o príncipe de Osir chegar.

O silêncio fez-se mútuo, Andora não conseguia conceber a idéia de que tudo aquilo estava para acontecer, desesperada ela aceita a proposta de Kahlil, ela não suportaria olhar para a tal besta abominável de quem tanto medo ela sentia. Andora estava amedrontada e com o coração batendo rapidamente.

Calmamente Kahlil fecha os olhos suspirando e deixando o livro de lado passa as mãos sobre seus longos cabelos escuros ainda húmidos dizendo:

_A lua já está alta no céu, se for para ser feito que seja agora antes que seu perfume atraia outros demônios. Andora... Preciso que colabore.

Andora encarava Kahlil perplexa:

_Você mentiu! Arrastou-me até aqui por um complô de Osir! Você não deseja me salvar e muito menos a Aesir! – Brada indignada Andora.

Kahlil suspirou e levou uma das mãos aos cabelos removendo-os da testa e dizendo:

_Não se trata de complô, mas sim de profecias, pelos Deuses! Minha senhora entenda! Minhas visões nunca falham e nela os demônios a torturam e depois a matam da maneira mais dolorosa e humilhante! Sei que o que eu lhe peço é constrangedor e inconcebível! Mas acredite!

Andora, furiosa levanta-se e com a mão faz um gesto brusco gritando dentre lágrimas:

_Cale-se! Demônio maldito! Sua quimera melindrosa e maligna!

Kahlil a encara seriamente e fala com mais calma:

_Achas por acaso que se eu fosse um demônio a favor do poder de Osir já não teria a atacado há muito tempo atrás sem piedade nenhuma?

Andora se cala por alguns instantes, ela via seriedade e sinceridade nos olhos e nas palavras de Kahlil, mas a princesa estava muito confusa. Ela cai de joelhos cobrindo o rosto com as mãos para esconder seu pranto.

Kahlil levanta-se devagar e caminha até ela abaixando-se e ficando de joelhos segura-lhe as mãos removendo-as do rosto da jovem que o fitou amedrontada. Kahlil em tom baixo de voz murmura a ela:

_ Não é só você que perderá sua inocência, eu perderei a minha alma.

Andora ainda em silêncio continua a fitar-lhe com os olhos desconfiados até que fala:

_ Perder sua alma? Do que está falando Centúria?

Kahlil então puxa Andora pelos pulsos e a abraçando fortemente contra seu peito, ele então morde o pescoço da mulher inoculando seu veneno.

Aos poucos a princesa vai perdendo os sentidos e fechando os olhos, Kahlil então murmura:

_ Perderei minha vida para demonstrar meu apreço por você... Andora. – Era a segunda vez pela qual Kahlil a chamava pelo seu nome, ela gostava muito disso, o abraço era aconchegante e ela deixa-se estar. Ela levanta cuidadosamente uma das mãos e toca com os dedos de leve os lábios de Kahlil.

_ Não quero sua morte... Não suportaria mais perdas, primeiro meu pai, agora meu cavaleiro? Não, jamais... Seu castigo será viver na minha presença... Kahlil.

O Centúria fica surpreso e escuta as palavras de Andora ainda com a mão sobre a boca do cavaleiro. Kahlil torna a abraçar carinhosamente Andora, era desesperadora a vontade de beijá-la e ter que conter-se, ambos estavam ao lado da fogueira abaixo da grande estrutura de pedra da cachoeira. A lua crescente estava alta.

PARTE III

Amanhecera e Andora desperta atordoada com a luz do dia tocando sua face. Kahlil ainda estava adormecido ao seu lado, ambos sujos de lama da fuga dos ogros, uma pintura macabra e nefasta, mas que mesmo assim não diminuía a beleza e a candura da face do cavaleiro sereno a dormir. Com a cabeça apoiada ao peito do rapaz e envolvida em seus braços ela suspirou e fechou os olhos em silêncio ficando um pouco mais ali no abraço dele.

Kahlil abre os olhos e encara Andora em silêncio ainda em seus braços. O orvalho ainda caía sobre as folhas das árvores. Os olhos do Centúria tomaram novamente o brilho acinzentado de costume o que deixara a princesa de certa forma aliviada. Ambos ainda estavam deitados ao chão da estrutura em forma de concha pela protuberante pedra abaixo da cachoeira.

Em silêncio, Kahlil levanta-se deixando Andora deitada ao chão a fitar-lhe com um olhar investigativo. Ele caminha até a cortina de águas da cachoeira e a adentra para remover de seu corpo toda a lama. O Centúria fecha os olhos e leva ambas as mãos aos cabelos negros e compridos os acariciando deixando as águas lavarem toda a pintura de argila impregnada em sua pele.

Andora fica a admirar aqueles gestos em silêncio, seu coração batia forte, parecia até que Kahlil era mais especial a ela do que nunca fora antes naquele instante e que seus movimentos a encantavam como certo tipo de feitiço ou bruxaria divina da qual ela não queria livrar-se. O rapaz percebe que continua a ser observado pela imóvel Andora, ele então para a surpresa da jovem, estende uma das mãos e carinhosamente fala:

_Venha lavar-se nas águas, precisamos fazer o possível para não atrair os demônios.

Sem questionar, a jovem levanta-se vagarosamente e segura a mão estendida de Kahlil adentrando o véu de águas da cachoeira. Ele dá um sorriso leve e encantador. A água estava fria e tira gemidos de Andora que começa a tremer e a comprimir-se. O cavaleiro a abraça e fala:

_ Seu corpo ainda está quente por conta da fogueira, não se preocupe, logo vai se acostumar com a temperatura das águas.

Aos poucos, as gélidas águas iam tornando-se suportáveis, Kahlil acariciava com as mãos o corpo de Andora removendo o lamaçal dele. Aquele toque a deixava intrigada e seu corpo estremecia, como poderia ser tão afável as mãos de um demônio?

Enquanto banhavam-se nas águas Kahlil começa a contar-lhe sobre seus planos:

_ Temos de sair logo e encontrarmos os Cavaleiros da Resistência. Eles auxiliar-me-ão a protegê-la até que possamos atacar o castelo de Osír e reclamar o trono de Metrathon. Após isso, reuniremos os exércitos e atacaremos as fortalezas de Aesir forçando Agamenon a entregar sua coroa. Infelizmente a morte de muitos será necessária, mas se as coisas permanecerem como estão os humanos de Aesir serão completamente eliminados em pouco tempo e os demônios tomarão todos os reinos circundantes.

_ Não desejo mais mortes. – Murmura Andora.

_ Infelizmente é inevitável Andora. – Respondeu Kahlil.

Ele novamente dirige-se a princesa pelo seu nome o que chama a atenção da jovem que o fita com seus suntuosos olhos negros dizendo:

_ Kahlil... Ontem... Ele veio, certo?

O demônio fica surpreso, mas murmura uma aprovação tocando carinhosamente a face de Andora. Kahlil suspira e fala:

_ Sim, o príncipe de Osír veio e deixou-me com ordens explícitas para mante-la em segurança para ele.

_ Então, ele fez o que deveria ser feito comigo? – Perguntou ela um tanto quanto envergonhada.

_ Sim. – Respondeu o cavaleiro. - Temos de ser rápidos, temos cerca de setecentos quilômetros até chegar as montanhas de Schefflar e encontrarmos os Rebeldes.

Ambos saem da cortina de águas da cachoeira. Com as mãos Andora esfrega as manchas de terra de suas vestes sob as águas e coloca seu vestido molhado sobre o corpo. O branco tornara-se transparente revelando toda sua silhueta. Kahlil evitava olhar a princesa, por sua vez ele veste sua armadura, recolhendo sua espada e a colocando novamente em sua bainha dizendo:

_ Temos de chegar a menos de cinco dias em Schefflar, será uma árdua e cansativa caminhada, muitos as fazem em oito ou dez dias, temos a metade do tempo o que não nos permitirá descansar.

Andora encara curiosa Kahlil e pergunta:

_ Por que temos de fazer o percurso em cinco dias? Qual o motivo desta pressa toda? Sei que temos anseio de acabarmos logo com o reinado da Feiticeira Sombria e de Agamenon, mas é loucura! Nem coelhos correm tanto!

Kahlil, muito sério a fita com seus olhos acinzentados e fala:

_ Os demônios enviados por minha mãe já sabem que o ato fora consumado, a Feiticeira tentará matar-lhe antes do sexto dia.

_ Sexto dia? Do que está falando Kahlil? Não compreendo nada! – Resmungando Andora.

Kahlil suspira e responde:

_ Após o ocorrido da noite de ontem, procedem-se seis dias até que a fecundação de um demônio seja concretizada com êxito, se realmente tivermos sucesso, esta criança será a perdição da Feiticeira Sombria, pois o príncipe assumirá assim o trono e o controle sobre todos os demônios por meio de encantamento após o nascimento do herdeiro híbrido. Se a Feiticeira conseguir mata-la Andora antes do sexto dia, o encantamento que ela anteriormente fizera para dominar os demônios será mantido, porém se resistir-mos e ela não obtiver sucesso, com ela apenas permanecerão aqueles que traíram o rei de Osir, seu exército então será desfalcado. Por isso preciso da ajuda dos Rebeldes para mantê-la viva até o nascimento da criança.

_ E se não der certo? Se eu não estiver a esperar um filho dele? O que faremos?

Kahlil fecha os olhos e suspira em silêncio mordendo os lábios e acariciando os cabelos de sua própria testa até que fala com muito pesar:

_ Se não tivermos o herdeiro tudo estará acabado, as forças de Osir serão fortalecidas e não conseguiremos esperar até a próxima lua crescente para realizarmos tudo novamente. Imagino que até lá todos estaremos mortos e Aesir completamente destruída.

Andora fica assustada e suspirando fala:

_ Espero que realmente tenhamos êxito. – Ela leva ambas as mãos até o ventre.

Kahlil aproxima-se e sussurra:

— Tomara mesmo. Vamos embora, não podemos ficar aqui por mais tempo, é perigoso demais, tropas de extermínio logo estarão em nosso encalço.

Andora segura uma das mãos de Kahlil e o acompanha para fora da cachoeira iniciando a longa jornada até Schefflar.

...

— Maldito Kahlil! — Brada a Feiticeira cerrando os punhos com muito ódio. — Insolente! Como ousas continuar a desafiar sua própria mãe! Dever-me-ia ter o matado ainda no berço no mesmo dia em que acabei com a vida de seu pai! Bastardo! Eu o renego! Demônio parvo!

Os espiões de Osir ainda ajoelhados perante o trono escutavam os brados da Rainha.

— Matem logo Kahlil e Andora! Não permitirei que essa criança venha ao mundo! Ataquem, façam algo de útil! Mandem os Cazarcs!

Cazarcs eram criaturas horrendas e esguias de cerca de dois metros e meio de altura, pele negra, garras enormes e dentes afiados. Corriam como os lobos e rosnavam como os tigres, seus olhos amarelados como o âmbar eles eram mensageiros da morte, cães de Osir que guardavam os portões do castelo e serviam de hordas de ataque nas guerras montados por criaturas sombrias. Eram de pouca inteligência, animais irracionais, mas obedientes aos demônios e sedentos por sangue. Eram acorrentados nos porões do castelo de Osir e mantidos presos enquanto eram adestrados pelos Cavaleiros de Osir.

Uma horda de vinte Cazarcs fora enviada do castelo no encalço de Kahlil e Andora.

...

Já estavam Kahlil e Andora caminhando há mais de seis horas, o cansaço era evidente no rosto de ambos, mas eles continuavam pela floresta sombria caminhando rumo a Schefflar. No meio do caminho Kahlil para fazendo um sinal estendendo a mão na frente de Andora para que ela também ficasse estática.

A princesa abre a boca para perguntar, mas antes que pudesse dizer algo, Kahlil mostra o dedo indicador pedindo silêncio, ele estava compenetrado e tenso, olhava para todos os lados com cautela até que murmura:

_Tem algo errado aqui... Estamos sendo seguidos já há algum tempo, mas não nos atacaram... Sinto a presença de vários demônios.

Andora segura com ambas as mãos o braço estendido de Kahlil amedrontada:

_Que tipo de demônios?

Apreensivo e com um olhar incisivo ele murmura dentre os dentes rangendo-os:

_Os mais poderosos de Osir. Seus Cavaleiros Negros.

Kahlil estava apreensivo e não tirava os olhos das árvores, passos amassando folhas secas e gravetos puderam então ser ouvidos. O Centúria deu um passo para trás e empunhando a sua espada toma posição de defesa, com o outro braço enlaça a cintura de Andora que preocupada abraça firmemente o tronco de Kahlil sobre a gélida armadura negra.

Um vulto masculino sai em meio às árvores e aos poucos a luz do sol que teimosa penetrava as copas revelara o seu rosto: um jovem de cabelos longos prateados e olhos acinzentados, traços angelicais em seu rosto que contrastavam com o aspecto demoníaco dos chifres escuros e retorcidos que pousavam sobre seu crânio. Pele alva e de feições que lembravam muito Kahlil, porém um pouco mais jovem. Usava uma armadura prateada e abre um sorriso mostrando assim suas presas protuberantes ao encarar o cavaleiro Centúria de longos cabelos escuros.

_Nephys! É você? – Perguntou surpreso Kahlil abaixando a espada.

_A quanto tempo Kahlil! Não mandara mais notícias faz centenas de anos! Achei que a Rainha de Osir havia deveras dado cabo de sua vida! – Disse o jovem caminhando na direção de Kahlil.

O Centúria começa a sorrir e guarda a espada, ele também solta Andora que estava confusa com tudo aquilo, Kahlil caminha até Nephys e o abraça calorosamente, ambos os demônios estavam muito felizes com aquele reencontro.

_Senti a presença de vários Cavaleiros Negros, mas vejo somente você! – Disse Kahlil animado.

Nephys ainda abraçado a Kahlil leva uma das mãos à boca e virando-se de lado emite um forte assovio. Das sombras vários demônios, cerca de doze, usando armaduras semelhantes a de Kahlil saem e vem ao encontro de Nephys.

—Esses são alguns dos Cavaleiros Negros que se rebelaram contra a Feiticeira Sombria juntamente comigo e que consegui livra-los do encantamento, estamos empreendendo em viagem até as montanhas de Scheflar levar uma mensagem de apoio dos guerreiros que ainda estão nas Colinas Morthis, estou reunindo a maior quantidade de rebeldes possível para fortalecermos a resistência. Almejamos encontrar os Cavaleiros da Resistência e partirmos por Harborym até o Condado de Nebiros para falarmos com o ancião ele poderá nos ajudar contra “aquilo”.

Fez-se silêncio dentre todos, Andora os observava sem compreender nada até que quebra o silêncio indagando Kahlil:

—Pelo visto se conhecem há muito tempo! O que ele quis dizer sobre a Rainha de Osir querer acabar com sua vida há centenas de anos atrás?

Kahlil, com um gesto de cabeça pede licença para Nephys que fecha os olhos e acena com a sua em silêncio dando-lhe permissão para falar. O Centúria então solta Nephys de seus braços e caminha até Andora parando bem a sua frente e muito sério dizendo:

—Há cerca de cem anos, Nephys e eu lideramos juntamente com outros cavaleiros uma revolta em Osir contra a rainha, planejamos tudo por décadas, reunimos contingentes mas não fora o suficiente, tivemos apoio do Rei Asirio o avô do Rei Tandohr, seu pai, alguns Centúrias do Sul e Norte juntaram-se a nós mas não foi o suficiente, perdemos a batalha e nossas tropas tiveram que recuar até Scheflar. Eu fui ferido seriamente, mas o Rei Asirio levou-me junto dos Centúrias em segurança até Aesir. Nephys continuou para defender as fronteiras e evitar que os demônios as cruzassem, desde então perdemos o contato, ambos achávamos que estávamos mortos. Foi assim que acabei me tornando um Centúria do reino de Aesir. Apesar de ser relativamente mais jovem Nephys é muito forte e corajoso, resistiu bravamente e sozinho com seu destacamento, ele é um exímio talento com a espada nas mãos, não se deixe enganar por esta cara de bobo!

Kahlil deu um sorriso apontando para o rapaz de cabelos prateados que ria muito também.

—Esta é a princesa Andora, de Aesir, filha de Thandor. — Disse Kahlil a apresentando para Nephys.

Nephys caminhou até ambos e ajoelhando-se cumprimenta a princesa:

_Saudações princesa de Aesir, sou o Primeiro Cavaleiro Negro Nephys, rebelde e um dos líderes dos Cavaleiros da Resistência. Fico honrado em conhecê-la. Antigamente também era conhecido como Príncipe Nephys, o segundo na sucessão do trono de Osir.

Andora ficou pasma, ela observa assustada ambos os cavaleiros:

_Então... Você é o Príncipe? – Pergunta ela confusa apontando para Nephys com o dedo indicador.

_Sou. Mas o primeiro sucessor é Kahlil. Não reparou na semelhança? – Indagou como resposta Nephys sorrindo.

Assim como Kahlil, Nephys possuía uma beleza encantadora típica dos demônios de alta linhagem de Osir, uma beleza celestial em um corpo profano e macabro, uma verdadeira tentação aos mortais, uma das grandes armas dos demônios, a sedução e a luxúria.

Andora fica incomodada com o olhar penetrante de Nephys, ele era muito parecido com Kahlil, mas uma espécie de versão mais jovem de olhos azulados e cinzentos com cabelos prateados. Era inevitável que seu corpo não estremecesse ou lhe faltasse o fôlego ao encarar aquela face. Andora ainda não conseguia digerir a idéia de que a tal temida besta era Kahlil e que ele esteve o tempo todo ao seu lado e o demônio não havia lhe falado nada.

_Temos que seguir até Scheflar, precisamos chegar lá em menos de cinco dias, temo pela segurança de Andora, certamente a feiticeira Sombria atentará contra a vida da princesa. – Disse Kahlil para o irmão mais novo.

_Vamos! Nós reforçaremos a guarda até Scheflar, garantiremos a segurança da herdeira de Aesir. – Respondeu em voz alta em tom de ordem aos cavaleiros de seu destacamento virando-se e pondo-se a caminhar.

O tempo fora passando e a caminhada era longa. Andora permanecera em silêncio e fitava constantemente Kahlil e Nephys intrigada:

_Como podem ser tão parecidos? Ele também é filho de Metrathon e da Rainha, mas porque Kahlil tem os cabelos Negros e seus olhos são acinzentados? Não deveria ser como os outros demônios de sangue real de Osir? – Murmurava Andora para si mesma enquanto caminhava.

_O que está resmungando aí? – Perguntou Nephys irreverente.

_Ah! Nada! – Respondeu ela assustada.

Kahlil continua em silêncio e percebe o interesse de Andora em Nephys mas prefere não chamar a atenção da jovem, uma desconfiança

então começa a germinar dentro do coração do cavaleiro de cabelos negros que franze levemente o cenho.

_O que tanto ela encara Nephys? Por que está ficando arrepiada assim? Consigo ouvir daqui as batidas aceleradas do coração de Andora e sinto no ar o cheiro de seus feromônios...Não... Ela não pode estar... Pare de pensar asneiras Kahlil! Pare de ficar imaginando coisas tolas como estas! – Pensava Kahlil consigo enquanto os observava.

Mais à frente, Nephys caminhava em silêncio e de cantos de olhos algumas vezes observava o irmão e Andora.

_Ela é bem bonita... Mais do que eu imaginava... Bem que os boatos dentre os demônios eram reais, a princesa de Aesir é dona de uma beleza cativante! Ela está ouriçada... Sinto o cheiro de seus feromônios daqui, como o das lobas de Astaroth, é inebriante! Mas percebo também a inquietação de Kahlil para com isso, ele é esperto, já deve ter percebido as reações desta mulher... Droga! Ela está me deixando maluco! Esse cheiro! Preciso me controlar! Mal reencontro meu irmão e já estou encrocado dessa maneira! Sinto o cheiro de Kahlil nela, certamente esta é sua fêmea já, preciso me resignar ou será catastrófico! Espero que ela também saiba se controlar... Pelos Deuses! Que mulher tentadora! – Pensava consigo Nephys enquanto caminhava.

...

_Movam-se insolentes! – Bradava um demônio vestindo uma armadura negra e um elmo que tapava-lhe toda a face apenas lhe revelando os olhos luminosos e amarelados montado em um Cazarc que rugia alto e bravo.

A tropa de Cavaleiros e Cazarc estava já alcançando as Colinas Morthis seguindo pela margem do Rio Sangrento rumo as cachoeiras onde Kahlil e Andora haviam pernoitado anteriormente.

...

Começava a escurecer, todos estavam exaustos, mas não pararam de caminhar. Andora dormia e era carregada por Kahlil em seus braços que mesmo cansado ainda empreendia em fuga com os demais cavaleiros primando pela segurança da princesa.

_Você está cansado Kahlil! Deixe-me ajuda-lo! Assim você se recupera para podermos ir seguindo sempre em frente. – Diz Nephys colocando a mão direita sobre o ombro esquerdo de Kahlil que acena positivamente com a cabeça e um semblante exaustivo.

Cuidadosamente, Kahlil passa Andora, adormecida, aos braços de Nephys que recolhe carinhosamente a princesa e fala em tom baixo para não desperta-la:

_Vamos meu irmão! Ainda temos muito o que caminhar!

Kahlil murmura um sim e continua ao lado de Nephys sem tirar os olhos dele ou de Andora que pouco sabia o que se passava ao seu redor embebida em um sono profundo.

_Nossa... O perfume dela é tão bom... Dá para senti-lo melhor agora. A pele dela é macia e delicada, muito sedutora, parece até um anjo dos céus enquanto dorme. Pelos deuses! O que estou eu a pensar? Esta fêmea humana pertence a Kahlil! Devo me concentrar na caminhada. – Vai pensando enquanto caminha Nephys.

Kahlil percebe a inquietação do irmão e fita-o com um olhar ameaçador. Nephys, com sua visão periférica percebe o descontentamento de Kahlil e tenta disfarçar conversando com ele:

_Ela está ferida? Parece muito cansada!

_Não. Cuidei muito bem de Andora. Apenas está exausta devido à fuga desde o castelo de Aesir, ela necessita de repouso agora que provavelmente espera um filho meu, precisa descansar para que nada de mal aconteça à criança. – Responde Kahlil sério em uma sutil tentativa de intimidar o irmão mais jovem.

Nephys fica surpreso, mas nem tanto, ele já sentira o cheiro de Kahlil impregnado no corpo de Andora e já pressupunha que aquela realmente era uma fêmea pertencente ao seu irmão mais velho, porém a notícia da possível gravidez de Andora o pegou de surpresa.

_Um filho? Então fizeram o ritual? – Pergunta novamente surpreso o demônio Nephys.

_Ou era isso, ou estaria a mercê de outros demônios a profana-la e a assassinar. – Responde ríspido Kahlil.

Nephys percebe a resposta em prontidão e áspera de Kahlil seguida de um olhar fulminante e com certa ira. Ele então toma a certeza de que o

irmão mais velho já percebera sua inquietação para com Andora e estava demarcando seu território como seu consorte perante o irmão mais moço.

Nephys suspira e fala:

_Então temos de caçar algo, ela precisa se alimentar, deve estar fraca! Ela precisa estar forte, sabe o quanto a gestação de um demônio consome de um corpo humano como o dela, se não formos cautelosos ela perecerá facilmente!

Kahlil concorda e responde:

_Sim. Assim que o sol raiar eu juntarei mais dois cavaleiros e faremos uma caçada. Até lá vamos nos manter em movimento, estou certo de que foram enviados Cazarc a nossa procura, tive uma visão na noite passada.

Andora fora depositada com muito zelo por Kahlil recostada ao tronco de um suntuoso carvalho naquela noite úmida e escura. Os olhos dos Cavaleiros luziam como as irís de lobos concentrados em uma matilha no meio da escuridão. Ela adormecia um sono profundo e febril, o demônio acaricia gentilmente seus cabelos e a fita com um olhar piedoso. Kahlil permanecera ali ajoelhado perante a princesa por alguns segundos até que solta um suspiro e levanta-se vagarosamente pondo-se a caminhar na direção do irmão que os observava com muita cautela.

_Precisamos conversar Nephys. Temos de seguir com o planejado. – Fala brandamente Kahlil tocando-o com uma das mãos sobre o ombro esquerdo.

Nephys o encara e responde:

_Tem certeza? Você realmente leu todo o livro de nosso pai? – Indaga preocupado Nephys.

_Sim. Sei o futuro que nos aguarda meu irmão. – Admite temeroso o demônio de longos cabelos escuros presos por parte como um rabo de cavalo.

_Então sabes que eu não terei escolha a não ser tornar-me seu inimigo para todo o sempre! – Brada ainda contido rangendo os dentes numa tentativa desesperada de manter silêncio em meio a aflição.

_Nephys... Assim que eu for coroado como Rei de Aesir, você será coroado o Rei de Osír. Sabes que deverás num primeiro momento seguir a todas as leis já impostas pelos monarcas antecedentes, ao menos até encontrarmos uma maneira de alterar completamente a carta magna vigente em Osír e assim realizar o desejo e o trabalho de toda uma vida culminado

com nosso Pai! Se fores contra... Sabes que os demônios não o obedecerão e estará em pleno risco! Não se desespera assim! Assuma o reino, decreta minha sentença de morte por deserção e depois acharemos uma forma de com tornar este problema.

Nephys estava visivelmente incomodado, seus olhos lacrimejaram, não suportaria a dor de perder seu amado irmão novamente. Ele aperta e morde os lábios enquanto Kahlil o encara de maneira consoladora. Num ímpeto, o rapaz de cabelos prateados puxa o irmão para si e o abraçando fortemente sussurra em seus ouvidos:

_Não almejo participar de um segundo funeral seu meu irmão. Prometa-me que vai lutar sempre com todas as suas forças, mesmo que for contra mim!

Kahlil murmura uma resposta tímida:

_Sim... Eu prometo.

Nephys abraçava com muita força seu irmão mais velho, tanto que este chegava a tremer deixando Kahlil preocupado com tal situação irremediável.

O prelúdio de uma nova guerra estava anunciado naquelas palavras, o plano de Metrathon em unir ambos os reinos estava correndo e seus dois herdeiros: Kahlil e Nephys estavam juntos ali firmando mais uma vez seus votos de confiança, amizade e amor um para com o outro. Muito sangue inocente seria mais uma vez derramado, a suposta trégua entre Osír, Aesir e a Resistência seria em breve abalada pelos filhos de Metrathon.

PARTE IV

O orvalho cobria as folhas e uma névoa fina começava a tomar conta de toda a Floresta da Agonia. As montanhas de Schefflar estavam a cerca de uma hora de caminhada do acampamento, ao raiar do dia, uma nova caminhada seria empreitada. Todos já adormeciam, mesmo que em estado de alerta.

_Onde estou? - Pergunta Andora abrindo os olhos e observando ao seu redor.

A jovem estava só em meio a um pântano de sangue e vísceras, cercada por árvores mortas e labaredas de fogo. O cheiro do enxofre lhe causava náuseas. De longe, encoberto sobre a densa fumaça das chamas ela enxerga um vulto que almeja ser de Kahlil. Andora caminha até ele com receio.

_Kahlil? É você? Kahlil?

A jovem se aproxima devagar até sua visão tornar-se clara, ela então percebe que aquele não era Kahlil e sim Nephys, abaixado, de costas para ela, sem as vestes superiores, seu tronco repleto de ferimentos, escoriações como as de chibatadas e ensanguentado. O rapaz se levanta e vira-se lentamente a ela. Ele usava uma espécie de máscara com plumas de uma ave mitológica, uma harpia, era a máscara de Metrathon, aquela peça era a sua coroa, Nephys a vestia e vira-se para Andora com os olhos e o restante da face embebida em lágrimas que lhes escorriam jorrando continuamente. O rapaz a encara e fala ressentido:

_Veja a face da morte.

Nephys lentamente leva uma das mãos até a máscara a removendo, aquele gesto assusta Andora que começa a gritar.

Ele arranca a máscara, seu rosto estava desfigurado, horripilante, em carne viva.

_Não se desespere! Kahlil virá em sua busca. Ele já chegou.

Uma forte ventania gélida apaga as labaredas, o calafrio toma conta de Andora, ela sente uma presença nefasta atrás de si. Lentamente a jovem se vira e depara-se com Kahlil, um aspecto tenebroso, olhos avermelhados,

presas protuberantes, emanava um frio intenso a brisa a sua volta e seus cabelos escuros flutuavam com o revolver do vento e das cinzas, nos braços de Kahlil um filhote de besta, a criatura mais horrível de todos os tempos, a pele enrugada, avermelhada, o rosto misto de cão com um bovino, um par de chifres enrolados e negros brotavam de seu crânio, seus olhos completamente avermelhados e a criatura repugnante guinchava demonstrando suas presas enormes e sua bocarra saliventa.

_Veja Andora! Nosso filho despertou! – Kahlil trazia em sua face uma expressão ameaçadora e diabólica junto de um sorriso debochado.

_Não! Não pode ser! Essa não pode ser a criança a qual gerei! Não! Não darei a luz a uma quimera! Nunca!

Desesperada, Andora começa a correr tentando fugir inutilmente de Kahlil e Nephys.

_Não corra minha princesa! É inútil! Estamos próximos a ti. – Falava debochadamente a perseguindo Kahlil com a criatura em seus braços.

Ele salta dando uma pirueta no ar e cai prostrado diante de Andora levantando-se e a encarando.

Assustada ela dá passos vagarosos para trás quando é surpreendida por Nephys que a agarra por ambos os braços com muita força. Assustada ela reluta e grita:

_Soltem-me! Soltem-me!

Kahlil levanta-se e caminha até ela dizendo:

_Veja a face da morte.

Andora desperta ofegante e desesperada, seu brado assusta a todos, prontamente Kahlil se aproxima preocupado já com a espada em punho:

_O que houve?

Andora olha a sua volta e percebe que tudo não passara de um terrível e assustador pesadelo, ainda em choque a jovem chorava. Perturbado, Kahlil guarda a espada na bainha e se abaixa abraçando a princesa carinhosamente e sussurrando:

_Acalme-se, fora apenas um sonho ruim, nada disso é real. O clima da floresta a está incitando e despertando seus mais profundos medos e agonias. Acalme-se! Nada do que presenciou é uma realidade ou virá a ser. Tudo foi uma cruel ilusão.

Andora encara o demônio e o questiona:

_Como será a criança? Ela nascerá como uma terrível quimera?

Kahlil fica quieto, ele não sabia a resposta daquela pergunta. O silêncio do rapaz apavora Andora que brada:

_Essa criança nascerá como uma besta horripilante?

Ele suspira e tocando os cabelos da franja de Andora diz:

_Acalme-se e durma! Amanhã conversaremos sobre isso.

Andora não se contenta com a resposta, mas fica calada e torna a tentar descansar. Agora Kahlil era quem estava inquieto, ele não sabia a resposta para tal incógnita e ele agora se perguntava:

_Será essa criança uma besta de baixo nível? Ou uma quimera primordial? Pelos deuses... Andora não suportaria dar a luz para um demônio horrendo e assustador.

...

O dia mal havia raiado e o pequeno contingente de cavaleiros estava inquieto.

_Cazarcs, vindo ao norte! – Avisa em sinal de alerta um batedor montado em seu cavalo de pelo avermelhado e arreios de couro escuro.

Nephys prontamente empunha seu arco e prepara suas flechas com um sorriso sagaz enquanto observa a descida dos monstros pela colina vindo na direção do acampamento.

_Você e suas visões Kahlil... Adoro elas! Como adoro! – Disse em tom irônico com o sorriso nos lábios levantando as sobrancelhas e franzindo o cenho preocupado ao ver o grande número de bestas que se aproximavam.

Kahlil monta em seu cavalo negro junto de Andora e já empunhando sua espada fala:

_Vou proteger a princesa, distraiam essas bestas! Encontramo-nos em Schefflar ao anoitecer! Haja o que houver impeça-os de seguir-me! – Bradou a todos os cavaleiros o jovem já com o cavalo troteando e partindo da companhia dos guerreiros.

_É fácil falar quando se está sobre um cavalo batendo em retirada. – Resmungou o irmão em tom de desaprovação já fazendo a mira com seu arco e flecha. – Senhores! Está aberta a temporada de caça aos Cazarcs! Faremos a forra esta manhã!

Todos bradaram alegres loas em sinal de aprovação e muito motivadas após os gracejos deliberados de Nephys. Os cavaleiros partem em menor

número contra as feras.

As criaturas horrendas e esguias de cerca de dois metros e meio de altura, pele negra, garras enormes e dentes afiados. Corriam como os lobos e rosnavam como os tigres, seus olhos amarelados como o âmbar eles eram mensageiros da morte, cães de Osir que guardavam os portões do castelo e serviam de hordas de ataque nas guerras montados por criaturas sombrias. Eram de pouca inteligência, animais irracionais, mas obedientes aos demônios e sedentos por sangue.

As feras estavam a cerca de alguns metros e a salva de flechas de Nephys fora disparada. Certeiras as danadas derrubaram alguns soldados demoníacos, mas não fora o bastante, a batalha corpo a corpo iniciara. Os cavaleiros de Nephys eram mais ágeis, espertos e muito fortes além de habilidosos luta e sem muitas delongas nocauteavam os inimigos. Mas o número de Cazarc era muito maior ainda, o que não impediam ferimentos e alguns golpes tomados em cheio.

Em galope frenético, Kahlil partia com seu cavalo rumo às montanhas de Scheflar. Montada a frente dele estava Andora, sentada sobre a sela de modo que ambas as pernas permaneciam ao lado direito do cavalo o que lhe dava maior estabilidade para continuar agarrando firmemente com seus braços o tronco de Kahlil. Ele por sua vez, tinha uma mão dominando os arreios e a outra segurando a espada.

O cavalo corria tão depressa quanto podia, a brisa forte do galopar solta a fita dos cabelos longos e escuros de Kahlil os colocando livres ao vento, seu semblante era sério e apreensivo. Andora levanta o olhar e fita o rosto preocupado do demônio. A face da jovem junto ao peito do cavaleiro conseguia sentir o forte pulsar de seu coração em ritmo ávido, ele estava preocupado com a segurança da princesa.

Do meio das árvores uma flecha atinge o ombro esquerdo de Kahlil com precisão. Ele franze o cenho com o golpe e a dor da ferida soltando um gemido amargurado. Surpreendida, Andora, solta um grito que assusta o cavalo. O animal relincha e empina derrubando o demônio e a moça.

Kahlil apenas tem tempo de abraçar Andora para amortecer a queda e causar o mínimo de danos possíveis a mulher.

_Você está bem? – Pergunta ele sôfrego e ferido com a flecha e a queda.

_Acho que machuquei o pulso, mas estou bem. – Responde ela aflita.

_Ótimo! Levante-se e esconda-se atrás daquelas rochas, depressa! E faça o mínimo de barulho possível! – Fala ele cauteloso.

Andora obedece ao pedido e levanta-se correndo até um rochedo próximo. Enquanto isso, Kahlil lentamente e machucado levanta-se apanhando sua espada e bradando:

_Eu sei que está aí... Apareça! Sei que está me espreitando... Marduk. Um riso diabólico de homem ecoa pelas árvores.

_Ha, ha, ha! Acha que pode salvar a sua princesa? Parvo! O tempo não lhe ensinou nada Kahlil? Nem mesmo aquela surra que eu lhe dei há mais de cem anos atrás que fez com que todos pensassem que estivesse morto? Poupe-me de sua espirituosidade cavalheiro! – Disse o guerreiro saindo detrás das árvores guardando seu arco na aljava.

Ele trajava uma armadura negra com detalhes demoníacos em prata. Uma aljava de arco e flechas nas costas e na cintura uma bainha e uma espada. Ele a segura e empunha-a contra Kahlil dizendo:

_Vamos nos divertir um pouco... “Caído”. – O sorriso domina os seus lábios arroxeados como os de um defunto gélido e nefasto.

O homem na realidade era um conhecido demônio de Osír que atendia pela alcunha de Marduk, um dos generais dos Cavaleiros dos Carzacs da Feiticeira Sombria. O guerreiro singrava sua espada pelo ar em círculos demonstrando sua agilidade trocando-a de mãos e tomando posição de ataque. Seus olhos de íris avermelhadas como o sangue luziam de um trepido desejo de dar cabo de veras do seu oponente. Os cabelos emaranhados curtos e carmim como as chamas deleitavam-se com o roçar da brisa da alvorada.

Já de pé, Kahlil com o ombro ferido transpassado pela flecha observava seu oponente muito irritado.

_O que está esperando Marduk? Está com medo de um Centúria ferido? – Provocou-Kahlil rindo ao final sinicamente.

_Centúria? Não me faça gargalhar novamente seu renegado! Saiba que até aquele podre do Agamenon de Aesir está do nosso lado! – Retrucou Marduk.

_Pois muito que bem... É hora de agir mais ao invés de falar. Farei com que engula esta sua língua serpente asquerosa! - Brada Kahlil partindo para o ataque.

Marduk desvia rapidamente, ambos eram muito fortes, mas Kahlil estava em desvantagem por conta dos ferimentos da queda e da flechada recebida o que o deixara mais lento dando uma maior facilidade de contra-ataques do seu oponente.

A agilidade era tamanha que apenas era possível visualizar a poeira do chão e as folhas singrando no ar com os movimentos dos dois cavaleiros que se digladiavam sem piedade além de escutar o tilintar do aço das espadas e os brados ferozes de ambos.

Já cansado Kahlil acaba recebendo vários golpes da espada de Marduk que só não foram letais pois ele os conseguira conter em suas esquivas e defesas com a lâmina. O sangue jorrava pelo chão, a cada novo ataque Kahlil ficava mais fraco e suscetível. Em dado momento ele pára ofegante e a lâmina de Marduk é cravada em seu tórax abaixo do braço direito de Kahlil que solta um grito agonizante e desesperado de dor.

Ouvindo aquilo, Andora sai detrás do rochedo clamando:

_Kahlil! Não! – Disse a jovem em prantos. – Não o mate! Eu irei contigo demônio, mas deixe-o viver!

Kahlil tomba sem forças ao chão, Marduk solta outra tenebrosa gargalhada falando:

_Oras humana! Como se pudesse fazer qualquer tipo de acordo com os demônios tu falas. Acorde insolente! Eu o matarei e depois dele será a sua hora!

O vento torna-se quente e os céus escuros. Tremores de terra abalam abruptamente surpreendendo Marduk. Ao virar-se, atrás dele estava um imenso dragão que cuspiam chamas e possuía olhos de fogo.

_Que maravilha Kahlil! Resolveu mostrar a sua cara finalmente! O filho de Methraton resolveu parar de fingir-se de humano bondoso... Vamos jogar mais um pouco então! – Gritou entusiasmado Marduk.

Os olhos de Marduk cintilavam e este aos poucos toma a forma de uma serpente negra com gigantescas e venenosas presas. O dragão ataca cuspidando seu jato de fogo sobre a serpente que desvia e salta dando um bote certo no pescoço da outra criatura. Ambas as quimeras rolaram e lutaram ferozmente.

De longe, já com boa parte dos Cazarcos dizimados Nephys escuta o urro do dragão e fala assustado olhando para trás:

_Kahlil! Minha nossa! Já estou indo irmão! – Brada ele desesperado percebendo o imenso risco em que se irmão se encontrava. - Marduk filho de uma meretriz! Vou comer suas entranhas no almoço se fizer algum mal a Kahlil novamente!

Nephys estava com muita dificuldade bem como o destacamento de seus cavaleiros, eram ainda muitos Cazarcos ferozes para pouco contingente de guerreiros e levaria certo tempo até ele poder socorrer seu irmão mais velho ferido em batalha.

A luta segue ferrenha, sem o auxílio de Nephys as duas bestas se degladiavam até que o dragão tomba em meio a uma nuvem de fumaça fechando os olhos e com um guincho de dor.

Aos poucos ambos os demônios tomam a forma anterior. Kahlil estava ao chão, ofegante, repleto de ferimentos e sangrando muito sem forças para levantar-se.

Marduk aproxima-se do cavaleiro agarrando-lhe violentamente pelos cabelos o suspendendo de forma que este fica de joelhos e indefeso.

_Sempre observando o que os seus olhos não podem ver Kahlil... Sempre ouvindo o que seus ouvidos não podem ouvir... O que dizem suas visões sobre isto, maldito caído? – Ironiza Marduk. - Nunca bastou o que eu dei a você, todo o horror que você me fez passar há cem anos atrás...

Kahlil começou a rir de súbito o que desperta mais ainda a ira de Marduk:

_Do que está rindo parvo? Estás prestes a morrer!

_Nunca é o bastante para a sua avareza devorar... Não é Marduk? Agora me diga, de que diabos adiantou perseguir-me este tempo todo enquanto ainda és um cão da Feiticeira Sombria de Osir? É digno de piedade...

Furioso Marduk estapeia o rosto de Kahlil e o atira ao chão com muita força. Sem reação ele permanece ofegante e rindo de seu oponente.

_Eu vou lhe dar cabo agora mesmo Kahlil, para que não mais blasfemes de mim! E será uma morte lenta e dolorosa!

Marduk pega sua espada ao chão e dá dois passos até o corpo estirado ao chão de Kahlil, ele coloca o pé direito sobre as costas do cavaleiro alvo de longos cabelos negros colocando a ponta da espada ao alto do lado esquerdo e com força ele a crava em Kahlil arrancando-lhe um gemido alto de extremo sofrimento.

_Kahlil! Não! – Lamentou aos berros e aos prantos a princesa.

Marduk retira a espada sentindo-se vitorioso e gargalhando enquanto do ferimento de seu oponente ao chão jorrava muito sangue negro bem como da boca deste que agora sufocava e agonizava em um estado deplorável.

Kahlil fecha os olhos e uma voz doce invade os pensamentos da desesperada Andora:

–”Muitos dias nós passamos juntos tentando seguir em frente com nossos sonhos... Agora nós voltamos ao objetivo esquecido feridos por dentro, nos deixando dilacerados, mas a estrada está aberta Andora! Nós encontramos a maneira de conseguir chegar até a paz entre nossos reinos através dos laços que se quebraram. E assim o significado do fim foi a paz que se pretendia ser nossa desde que tudo começou. Nós lutamos para vencer minha princesa... Eu não desistirei, nós lutaremos para vencer! Para sair de onde estivermos! Nós estamos muito mais fortes do que antes e nossos limites conturbados em recuperação. A vida como a conhecemos seria tão diferente... Teriam nossos caminhos se mantido os mesmos? Nós compartilhamos uma vida que não pode ser dissolvida Andora... Mas nós não podemos nos esconder do destino. Nós estivemos esperando, tanto, tanto e agora nós estamos prontos para aceitar nosso destino...E não deixaremos tudo morrer em vão minha senhora... Não podemos permitir... Fuja! Encontre Nephys antes que Marduk a capture! Andora... O terror nunca deve orientar você, pois mesmo o medo pode levar a um triunfo no final.”

_Kahlil... Não morra! – Suplicou de joelhos silenciosamente Andora aos prantos.

Os passos de Marduk agora seguiam em direção ao rochedo.

_Saia daí princesa! É hora de morrer...

Como sempre, Andora não atendera aos desejos de Kahlil de bater em retirada e agora era tarde demais, Marduk estava indo em sua direção.

_Como será que matarei a humana e o filho deste demônio bastardo que ela carrega? Dizem que ao bebermos o sangue de uma humana os demônios ganham força e longevidade... Talvez o gosto seja doce como o mel... Há, há, há! – Debochava Marduk empunhando sua espada enquanto caminha até Andora.

_É melhor sair de perto dela Marduk... – Disse uma voz atrás do demônio que se vira espantado e surpreso.

_Mas como? Quis se juntar a nossa festa Nephys?

_Maldito! Pagarás pelo que faz ao meu irmão! – Bradou Nephys atirando uma de suas flechas em Marduk que desvia rapidamente e parte para o ataque.

Andora aproveita a batalha entre Nephys e Marduk para esconder-se em outro local. O tilintar das espadas eram constantes e furiosos. Não demora muito os demais cavaleiros chegam até o local o que ocasiona um recuo de Marduk.

_Ficarei a espreita Nephys! Kahlil já era, agora tu serás o próximo! Aguarde-me! Recebeste a vantagem do meu cansaço da luta contra seu irmão e da presença de seus companheiros, mas em breve estarei de volta para terminarmos nossa conversa.

Em um salto, Marduk desaparece dentre as árvores fugindo e deixando Nephys extremamente irritado:

_Mas... Insolente! Fugiu! – Ralhou Nephys sem poder fazer nada a respeito da fuga pois também estava fraco e mancando de uma das pernas que havia sido machucada na batalha contra os Cazars.

O demônio de cabelos prateados se vira e depara-se com o irmão estirado ao chão. Nephys larga a espada e caminha quase que se arrastando até ele. Andora sai de trás das árvores e corre em direção a ambos os irmãos. Ela se ajoelha junto de Nephys que verificava os sinais de Kahlil.

Andora chorava muito, Nephys não parava de examinar Kahlil.

_Ele ainda possui sinais vitais, mas estão muito fracos, Kahlil está entrando em colapso, ele perdeu muito sangue... Isso não é nada bom...

Andora, sentada ao chão, carinhosamente recolhe Kahlil que estava inconsciente em seus braços. Nephys apenas observa em silêncio, não havia nada que ele pudesse fazer pelo irmão ou pela princesa, a não ser lamentar.

Andora acariciava os cabelos longos e negros de Kahlil com muita calma, em um ato de carinho ela aproxima o seu rosto ao do cavaleiro e beija seus lábios lentamente.

Nephys, assustado grita:

_O que pensa estar fazendo! Não se pode um humano tocar os lábios de um demônio assim! Eles são embebedos em um mortal veneno!

Andora o fita com um olhar desolado e responde:

_Então se é assim, provarei mais um pouco deste para acabar de vez com a minha existência indigna e sem propósito!

Andora volta a beijar os lábios de Kahlil deixando Nephys louco de preocupação.

_Solte os lábios dele já sua maluca suicida! Você vai morrer!

Andora não escutava mais nada a sua volta, seu corpo é inebriado por uma leveza latente:

_Não sinto mais meu corpo, apenas o que restou do calor de Kahlil me envolve, não ouço mais nada... – Pensa ela consigo enquanto o beija. – Os lábios dele... São tão doces e macios... Como a vida é injusta... Mantevemos todo este tempo privados deste contato nos oportunizando-o somente em nosso leito de morte. Esta seria a maldição dos Deuses para com as criaturas? Humanos e demônios? Kahlil... Lamento nunca ter podido admitir o quão imenso é o meu afeto por você... Lamento não ter dito o quanto era aconchegante seu abraço... Seu calor... Eu me odeio por respirar sem você! Eu não sei se vou sobreviver sem você em meus braços... Kahlil... Deixe-me mostrar o quanto eu te amo.

Andora sente uma leve respiração vinda de Kahlil ir tomando força, os sons a sua volta retornavam gradativamente bem como a sensação de leveza a abandonava aos poucos. A princesa abre os olhos e observa o corpo pálido de Kahlil aos poucos ir recobrando os sentidos. Atordoado e em silêncio o demônio abre vagorosamente seus olhos de íris acinzentadas a fitando carinhosamente. Ele não tinha forças para se mover ou falar, mas ver Kahlil recobrar a consciência já fora o suficiente para inundar o coração de Nephys e Andora com alívio e felicidade.

Com cautela Nephys recolhe Kahlil em seus braços e o carrega até um dos cavalos montando juntamente do irmão. Andora é acolhida em outra montaria por outro dos cavaleiros do contingente que partem cuidadosamente.

_Scheflar terá de esperar... Vamos para Nebiros, Kahlil precisa se recuperar e eu preciso tentar compreender tudo o que ocorreu neste dia. Maldito Marduk!

Kahlil estava completamente anestesiado e imóvel, parecia ter provado um veneno paralisante dos mais fortes que pudesse existir. A única coisa da qual controlava era o seu olhar que ainda estava turvo e sonolento. A dor dos ferimentos era gigantesca e o trotar do cavalo parecia piorar ainda mais

tal fato. Por um lado estava ele aliviado em perceber que Andora e Nephys estavam em segurança, mas por outro Andora havia beijado seus lábios e provado do veneno poderoso que sua saliva portava, o mesmo que o paralisava agora completamente, ele ficara intrigado com o fato da princesa estar aparentemente imune a este, visto que a morte ao prová-lo era mais que certa. Outro fato era o de ele mesmo estar vivo, ainda mais após beijar os lábios da humana.

Um novo dia havia nascido e Kahlil ainda estava paralisado alternando estados de uma superficial consciência e o desfalecimento, Andora estava muito fraca, havia mais de dois dias que não se alimentava do sangue de Kahlil, a criança estava sugando aos poucos toda a sua força vital, se algo não fosse feito em menos de poucas horas ela estaria morta.

Era arriscado demais beber do sangue de Kahli que além de estar muito fraco e lutando pela sua vida encontrava-se envenenado.

Em uma das paradas, Nephys caminha até a princesa que descansava com muito incômodo debaixo de uma das árvores. Os tremores já tomavam conta do corpo de Andora bem como a imensa fadiga. Ele pára muito sério ao seu lado e diz:

_ Levante-se e me siga em silêncio... Agora!

Espantada, Andora escuta o chamado de Nephys e observa o demônio de cabelos prateados adentrar mais ainda a floresta em silêncio. Ela, mesmo desconfiada, levanta-se e o segue.

Andora não fazia idéia de onde Nephys estava a levando e por qual motivo, mas a seriedade em seu semblante e o tom de voz preocupados do jovem demônio a fizeram concordar em o acompanhar.

Ambos caminharam alguns minutos até que o demônio pára e olha ao redor dizendo:

_ Aqui está bom. Já estamos em segurança. Não é de bom grado que os demais cavaleiros saibam o que vamos fazer, eles podem contar para Kahlil.

_ Por que me chamou Nephys? – Indaga receosa Andora após ouvir tais comentários.

Nephys caminha até a princesa e fala calmamente:

_ Você está fraca, há alguns dias não é alimentada do sangue de Kahlil, a criança está sugando sua energia vital e em poucas horas estará você morta se algo não for feito a respeito disso. Eu a trouxe aqui para que tome um pouco do meu sangue... Claro em segredo.

Andora fica surpresa e responde:

_Não posso fazer isso! Kahlil ficaria furioso conosco Nephys! E segundo ele o pai é quem deve fornecer o sangue ao filho! Não posso fazer isso!

_Então prefere morrer junto do seu filho? Acredita acaso que Kahlil ficaria feliz com isso? – Ralhou bravo e repreensivo Nephys. – Não torne as coisas mais difíceis do que já estão Andora! Vamos acabar com isso logo! O futuro dos reinos depende disso, não somente os nossos princípios!

Nephys tira uma pequena adaga prateada com o cabo entalhado no marfim e cravado de pedras preciosas muito coloridas e brilhantes de dentro da aljava do arco e faz um pequeno corte em seu pescoço no lado direito. Ele caminha calmamente até Andora e diz sentando-se ao chão:

_Sente-se aqui próxima de mim e beba do meu sangue. Ele vai aplacar esta fraqueza por algum tempo, imagino que ao menos até Kahlil se recuperar. Uma vez apenas não fará mal. Sou o irmão dele, nosso sangue é parecido e isso acalmará seu corpo e vitalizará a criança por algum tempo... E tempo é o que Kahlil precisa para se restabelecer.

A princesa hesita, mas vê a preocupação estampada nos olhos do demônio que a aguardava com o pescoço em plena sangria, Andora obedece à ordem, a fraqueza tomara conta de seus instintos e o cheiro do sangue de Nephys lhe parecia irresistível. A princesa se senta ao chão e abraça Nephys abocanhando seu pescoço e sugando o sangue que jorrava quente do pescoço do rapaz.

O demônio franze o cenho com a dor causada pela sucção, ele então abraça Andora com cuidado enquanto é tomado por uma sensação de êxtase prazeroso e um doce sofrimento ao mesmo tempo. O corpo de Nephys é tomado por um calor incontável, um arrepio forte sobe por todos os membros deixando sua pele mais sensível ainda ao toque dos lábios e das mãos de Andora.

Nephys nunca havia feito algo semelhante em toda sua vida antes e não esperava por tais sentimentos que controlavam seu corpo naquele instante, sua respiração tornava-se ofegante a ponto de aos poucos deixar escapar alguns gemidos de seus lábios. Era difícil controlar-se naquelas circunstâncias.

O sangue do demônio era mais doce do que o de Kahlil por ser Nephys mais jovem, isso tornava mais difícil a Andora controlar-se ao sugá-lo, seu

corpo fraco pedia mais e o doce gosto de Nephys a embriagava a cada gole.

_”O que está havendo comigo...” – Pensa em silêncio Nephys. – “Eu preciso me controlar! Ela é a humana de Kahlil, mas... É muito bom... Eu não consigo mais... O cheiro de Andora está me deixando louco! O calor de seu corpo... O toque de seus lábios... Pelos deuses! Preciso me controlar! Oh! Céus...”

Com muita dificuldade, Nephys aos poucos vai afastando Andora de seu corpo e com a mão esquerda toca a face da jovem empurrando cuidadosamente a cabeça dela de modo que esta deixasse o pescoço do demônio.

Ele transpirava e ofegava. Seu corpo tremia, Nephys estava fraco, era muito jovem e não estava ainda preparado para partilhar assim seu sangue com uma humana.

Andora, apreensiva pergunta:

_Está tudo bem Nephys? Céus... Você está tremendo! Nephys...

O demônio ergue o rosto com um sorriso sagaz e fala:

_Espero que você fique bem agora! Este será o nosso segredinho...
Cento princesa?

_Andora dá um sorriso e agradecida pelo esforço e preocupação de Nephys murmura uma aprovação.

...

PARTE V

Passaram-se cerca de três dias dentro das terras de Osir seguindo pelo leito do Rio Sangrento, passando próximos de Haborym, a terra dos centauros, até que chegam ao Condado de Nebiros o último refúgio de demônios que ainda lutavam do lado da resistência. Kahlil continuara paralisado e atordoado durante todo este tempo, em alguns momentos era ele tomado por um forte estado febril e calafrios tensos que preocupavam Andora e Nephys.

O Condado de Nebiros era formado por simples aldeões demônios e por alguns humanos fugitivos das masmorras de Osir. De longe Asthrix vislumbra o cortejo dos cavaleiros chegando no vilarejo. O guerreiro grita:

_Nephys! Seja bem vindo! – Saudou o demônio de aspecto rústico o seu grande amigo correndo de encontro a ele.

Asthrix era um jovem demônio guerreiro que possuía idade semelhante a de Nephys, estudaram as artes da luta e da guerra juntos no palácio de Osir durante a infância nutrindo ambos uma grande amizade. O jovem cavaleiro possuía os cabelos curtos e castanhos, um tanto espetados e bagunçados como o seu temperamento impulsivo e enérgico. Seus olhos de cor amendoados reluziam de longe e a pele pálida contrastava suas vestes rústicas de pelos de touro mouro. Tal como suas vestes, este era o seu apelido o “Touro Mouro” de Nebiros, um grande e forte guerreiro apesar de jovem.

Na medida em que se aproximava, o Touro percebe que Nephys estava com o pescoço envolvido por uma atadura e carregava o irmão Kahlil que estava inconsciente, bem como o contingente ferido da batalha contra os Cazarc. Preocupado, ao se aproximar Asthrix indaga:

_Pelos deuses! O que andara fazendo nas imediações que se encontram aos farrapos?

Nephys dá um sorriso e responde:

_Nos divertindo com a pilhagem de corpos de Cazarc, mas não se preocupe, apesar do aspecto estamos bem, mas Kahlil precisa dos cuidados da curandeira.

Asthrix dá um sorriso sagaz e responde:

_Ela perguntou-me sobre você ainda hoje...

Nephys apenas sorriu timidamente para o amigo e seguiu com a tropa montando os cavalos até Nebiros acompanhados de seu amigo Asthrix.

O condado era simples: casas de madeira e barro, plantações de trigo e aveia, galinhas e outros animais para a sobrevivência dos moradores, era tudo mantido coletivamente. De dentro de uma das cabanas um grito alegre feminino pode ser escutado:

_Nephys! Graças aos deuses está bem! – Comemorava uma jovem que vem correndo na direção do cavaleiro que apeava de seu cavalo descendo com cuidado e com a ajuda de Asthrix o injuriado Kahlil.

Preocupada ao ver o estado de Kahlil a jovem os encara:

_O que aconteceu com o Príncipe Kahlil?

Nephys responde muito sério:

_A espada de Marduk e os lábios de uma humana.

Ao dizer tal coisa, a jovem então percebe a presença de Andora e desconfiada indaga:

_Quem é ela? Por que trouxe uma humana até o condado? Céus... O que houve com sua perna e o seu pescoço?

_Acalme-se! Estou bem. Ela é a esposa de Kahlil. Apresento-lhes a princesa Andora de Aesir.

Todos ficam surpresos com a revelação da identidade da estranha que estava ainda sobre a montaria com um olhar preocupado, cansado e desolado.

_Vamos Athaléa, Kahlil precisa de sua ajuda e a princesa também, depois conversamos. – Balbuciou Nephys mais perto da curandeira.

Athaléa, uma jovem demônio que dominava as artes mágicas da cura e energias vitais, seus cabelos castanhos e ondulados destacavam seus olhos de âmbar e a pele alva. A curandeira era irmã mais nova de Asthrix. Esta também era muito sensível e percebera algo diferente em Nephys, ele estava mudado de certa forma, seu olhar para Athaléa não era o mesmo de antes. Prontamente ela reconhece que o perfume de Nephys trazia um aroma diferenciado.

Vamos, tragam Kahlil e a humana até minha casa, Asthrix, providencie água, roupas limpas e comida para todos os cavaleiros e suas montarias, também precisarei de auxílio para limpar e tratar dos feridos. – Falou muito séria enquanto encarava muito ríspida a Nephys.

Asthrix chama alguns dos seus cavaleiros para providenciar o referido pela irmã enquanto Nephys levava o inconsciente Kahlil em seus braços como a uma jovem dama desfalecida. Andora os acompanha e percebe o desconcerto da curandeira com a sua presença ali.

O dia vai seguindo, Athaléa cuida dos feridos, trata de Kahlil e do pulso de Andora.

_Pronto! Agora basta esperar que as ervas façam o seu trabalho, logo o pulso da humana e suas escoriações estarão curadas. – Responde agora menos agressiva a curandeira que aos poucos parecia se conformar com a presença da humana. – Quanto a Kahlil não sei o que se passou ao certo, mas o que posso dizer é que dos ferimentos pude tratar, quanto ao veneno, nada pode ser feito, isso ele mesmo terá de eliminar. Graças aos deuses ele é um demônio muito forte e seu corpo está lutando bravamente contra a inoculação, mas ele está muito ferido o que pode ajudar a agravar o efeito do veneno.

_Quanto tempo levará para que ele se recupere? – Pergunta Nephys ao lado de Kahlil que estava inconsciente deitado sobre uma esteira, já limpo, com novas vestes e com ataduras nos ferimentos.

_Acabei de dizer que não sei! Por acaso é parvo de nascimento ou isso ocorreu por alguma pancada que lhe deram na cabeça Nephys!? – Brada ríspida e incomodada a curandeira.

Espantado com a agressividade de Athaléa, Nephys a fita com um olhar surpreso e mudo a encara. Os olhos da jovem começam a encher-se de lágrimas e seu rosto a tomar um ar ruborizado, Athaléa repentinamente esconde a face com as mãos e corre para fora da casa.

Andora, tão surpresa quanto Nephys pergunta ao demônio:

_Nephys... O que está acontecendo para que ela o trate dessa maneira e saia aos prantos correndo daqui?

_Certamente uma longa história... – Disse Nephys saindo calmamente de perto de Kahlil e deixando a cabana atrás de Athaléa.

Asthrix que estava encostado à parede dá um sorriso e fala:

_A casa vai cair pro lado dele princesa! Mas não se aflija! Nephys é uma das poucas pessoas que conseguem compreender e lidar com o temperamento de Athaléa.

Andora fica pensativa e permanece sentada sobre a esteira ao lado de Kahlil.

Do lado de fora da cabana, Athaléa corria para se esconder de todos enquanto chorava ao meio da floresta. A jovem cansada de fugir cai de joelhos e ali permanece pranteando.

_Athaléa... Sabe que nunca conseguirá fugir de mim... Mesmo eu estando com perna ferida... – Fala muito calmo Nephys que pára atrás da moça.

Era impossível até mesmo para um demônio despistar ou fugir de Nephys, um exímio rastreador. Athaléa brada enfurecida:

_Saia daqui seu insolente! Deixe-me em paz!

Nephys encara o rosto ruborizado e embebido em lágrimas da jovem dizendo carinhosamente:

_Não seja tão rude assim Athaléa! O que houve desta vez?

Athaléa se levanta caminhado furiosa na direção de Nephys e gritando com muito ódio:

_Eu senti o seu cheiro naquela humana! E o dela em você! Seu demônio desprezível!

A jovem levanta a mão direita e desfere um tapa na direção da face de Nephys que agarra o pulso da mulher antes mesmo de chegar próximo ao seu rosto e brada:

_É claro que senti o cheiro dela em mim tal como o meu nela! Ambos estamos feridos e o sangue se misturou enquanto eu auxiliava a princesa em sua montaria! Deixe de sandices e alucinações Athaléa! Ela é a esposa do meu irmão!

Athaléa encara Nephys e o provoca:

_Duvido muito que ela seja somente a amada de seu irmão... Você partilhou do seu sangue com ela, não foi? O seu olhar Nephys... Ele mudou... O que tem a me dizer sobre isso?

Nephys, incomodado range os dentes e puxa Athaléa com força para si a agarrando abruptamente:

_Você é portadora de um gênio impossível de ser controlado Athaléa! Deixe de ser tão desconfiada deste jeito com relação a minha pessoa! Mulher teimosa! – Ralhou Nephys e em seguida dando-lhe um beijo a força.

Athaléa reluta tentando se livrar sem nenhum sucesso dos braços de Nephys, ele a segurava com força sem lhe dar nenhuma chance até que a ira de Athaléa é acalmada com o beijo persistente e voraz de Nephys.

Ofegante pela luta, ao deixar os lábios de Nephys ela fala cheia de orgulho ferido:

_Você é desprezível Nephys! Eu o odeio! Como pode...

Nephys dá um sorriso maroto e a provoca mais ainda:

_Quanto mais disser que me odeia mais satisfeito eu fico... Pare de asneiras, você sabe muito bem que me ama, não fique falando bobagens como esta de que me odeia... Minha linda fera rebelde...

Athaléa já estava avermelhada de tanta ira quando Nephys volta a beijar seus lábios.

Na cabana, Asthrix observa Andora e fala:

_O filho que espera... É de Kahlil mesmo? – Pergunta desconfiado o demônio.

Andora, mesmo surpresa pela indagação repentina fala:

_Sim... Por que a pergunta?

Asthrix dá um sorriso e fala:

_Nada... Por alguns instantes parecia ter sentido o cheiro de Nephys no seu corpo.

Andora permanece em silêncio e ao mesmo tempo inquieta com a menção de Asthrix.

_Marduk fez um bom trabalho. - Disse a feiticeira sorrindo enquanto seus olhos gélidos vislumbravam a esfera de cristal azulada em suas mãos. - Creio que a discórdia semeada entre os próprios irmãos acabará de veras com a resistência. Pobre Kahlil... Mal sabe ele que o seu maior inimigo caminha sempre ao seu lado...

...

Alguns dias haviam passado, quase uma semana dentre a contagem de tempo dos humanos. Kahlil permanecera inconsciente e febril durante todo este período alternando estados de intenso delírio e dores agudas. Suas feridas não cicatrizavam mais com a mesma rapidez de outrora, era evidente de que algo havia ocorrido. Seu corpo parecia debilitado, era aparente a perda de peso e vitalidade.

Andora permanecera hospedada por Asthrix mesmo contra a vontade de Athalea. Nephys tentava a todo custo permanecer longe de Andora, dirigia-lhe uma ou duas palavras quando este lhe achava conveniente para

evitar assim embates futuros com Athaléa. A princesa de Aesir estava novamente com o aspecto abatido, seu corpo necessitava novamente do sangue de Kahlil, mas ela mesma sabia que era praticamente impossível toma-lo por conta da fragilidade do estado do organismo do cavaleiro.

Era alvoreada, o sol acabara de despontar no horizonte. A névoa tomava a floresta ao redor do Condado de Nebiros enquanto as gotas do orvalho fresco escorriam sobre as folhas das castanheiras. Nephys já estava acordado e espreitava o nascer do dia quando percebe a presença de Andora se aproximando, ela caminhava dentre as casas do vilarejo parecendo procurar por algo. O demônio logo percebe as intenções da princesa e aproxima-se sorrateiramente o que acaba por arrancar um susto da mulher ao ve-lo logo a sua frente como uma planta que brotasse do chão sem mais e nem menos de uma hora para outra sem nenhum aviso ou ruído.

_Ora Nephys! Assustou-me! - Ralhou Andora levando ambas as mãos ao peito após um leve salto assustada.

_O que fazes aqui em meio a aldeia perambulando em pleno raiar do dia? - Pergunta furtivamente Nephys.

_E lá por acaso é de sua conta o que eu faço ou deixo de fazer?

Responde ela ríspida e tórrida.

_O que estava procurando? Está por acaso tentando saciar sua sede? Se for o que queres saiba que não o fará a menos que beba do sangue de Kahlil ou do meu. - Respondeu com um pouco mais de seriedade Nephys. - Venha... Darei-lhe o que precisa. - completou ele agarrando o braço direito de Andora e a arrastando praticamente para fora da aldeia.

Após alguns minutos de caminhada buscando abrigo e privacidade dentre as castanheiras do condado, Nephys solta o braço da jovem e fala virando-se para ela:

_Creio que aqui estaremos a salvo dos curiosos, vamos logo com isso... - Disse ele tirando de seu corpo a parte superior de suas vestes. Os raios do sol que nascia aos poucos no horizonte faziam a pele alva e pálida do demônio reluzir de tal forma que parecia banhada em luz do luar.

Andora não exita, ela se aproxima de Nephys e o envolve em seus braços calmamente, o aroma doce das castanheiras parecia estar impregnando os cabelos alvos de Nephys. Ela fecha os olhos e sussurra:

_Nephys... Não suporto mais este tipo de situação, você e Kahlil estão sempre se ferindo por minha causa. É injusto o que faço agora.

Nephys leva uma das mãos aos lábios de Andora os tocando com seus dedos gélidos levemente dizendo:

_Não estamos aqui para meditar ou debater fatos, apenas faça o que tem de ser feito.

O demônio, mais alto que ela, abaixa-se prostrando-se ao chão. Andora se ajoelha e volta a envolver o tronco de Nephys com suas mãos. Ele fecha os olhos devagar e deixa um suspiro tácito escapar de seus lábios entreabertos. Ela aproxima-se lentamente levando sua boca até o pescoço do cavaleiro e por fim o mordendo com muita força. Aquele ato fatídico rouba um forte gemido de dor vindo de Nephys que vai envolvendo aos poucos com mais força a cintura de Andora com seus braços trazendo o seu tronco junto ao dele. O sangue escuro começa a jorrar, ela continua o provando por um longo tempo até sentir-se satisfeita.

Por fim, o corpo de Nephys estava transpirando e trêmulo, completamente fraco e ofegante. Andora percebeu que passara além da conta. Preocupada ao deixar o pescoço de Nephys ela pergunta ainda com os lábios embebidos no seu sangue:

_Pelos deuses! Nephys! Perdoe-me! Perdi o controle! Estás bem?

Nephys gemia ainda com dor e fraqueza, ele reluta, mas por fim responde:

_Ficarei bem, não se preocupe, preciso apenas de algum tempo para me recuperar antes de retornarmos.

O cavaleiro mal conseguia parar sentado ao chão mesmo apoiando-se em Andora. Com cautela ela o deita sobre o solo coberto de folhas secas da floresta. Ao fazê-lo a princesa perde o equilíbrio e acaba por cair sobre o corpo de Nephys permanecendo face a face com o demônio.

O hálito gélido de Nephys acaba por tocar a face de Andora a deixando ainda mais em estado de rubor. Completamente paralisada a mulher fica o encarando sem dizer nenhuma palavra sequer, apenas podia se escutar o som a respiração de ambos. Os olhos acinzentados de Nephys pareciam adentrar a alma de Andora, ela fica os observando em silêncio. Sem nenhuma espera o cavaleiro toma uma atitude surpreendedora. Nephys abraça rapidamente a princesa a prendendo contra si e rouba-lhe um beijo dos lábios.

Andora tenta relutar sem nenhum sucesso e por fim acaba se rendendo a este.

Enquanto isso na aldeia, Kahlil abre os olhos atordoado pela dor e fraqueza, seu peito arfava, seu coração estava acelerado enquanto as lágrimas escorriam por sua face, ele então balbucia:

_ Isso não foi um pesadelo.

Créditos

Todos os direitos reservados

Copyright © K. Cross

Publicação independente do autor. É proibida a reprodução ou cópia deste arquivo sem prévia autorização do mesmo

ISBN: 978-85-63654-20-5

Arquivo digital produzido pela Simplíssimo Livros -
www.simplissimo.com.br - Julho 2011



**BIBLIOTECA
DO EXILADO**